



PUC RIO

PAULA PANTOJA BOECHAT

**ARTICULAÇÕES ENTRE A TERAPIA FAMILIAR SISTÊMICA
E A PSICOLOGIA ANALÍTICA**

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

21 DE DEZEMBRO DE 2001

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO**

**Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil
<http://www.puc-rio.br>**

N N.Cham. 150 B669a TESE UC
A Autor Boechat, Paula Pantoja
T Titulo Articulações entre a terapia familiar sistêmica e a psico



Ex.2 PUC-Rio - PUCB

115695

00222942

PAULA PANTOJA BOECHAT

**ARTICULAÇÕES ENTRE A TERAPIA FAMILIAR
SISTÊMICA E A PSICOLOGIA ANALÍTICA**

**Dissertação apresentada como requisito
parcial para a obtenção do grau de Mestre
em Psicologia Clínica.**

Orientadora: Terezinha Féres-Carneiro

Departamento de Psicologia

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, dezembro de 2001

113693



150
B669 a
TE SE UC
EX. 2

Para Walter Boechat,
companheiro amoroso, presença marcante
e influente na vida pessoal e profissional.

AGRADECIMENTOS

À professora Terezinha Féres-Carneiro, pelo entusiasmo, alegria e dedicação incansáveis.

Aos pacientes que generosamente autorizaram que seu material clínico fosse utilizado para ilustrar essa dissertação.

Às minhas filhas queridas e amigas Marina e Maria Paula, e ao marido Walter, pela atitude madura e equilibrada nos momentos em que não consegui estar tão presente quanto gostaria. Agradeço especialmente pelo aprendizado único que me propiciaram dentro do convívio familiar.

RESUMO

Na presente dissertação, propomo-nos a promover articulações entre: de um lado, a terapia junguiana e suas bases teóricas; e, de outro, a teoria e a terapia familiar sistêmica. Abordamos temas da terapia familiar sistêmica, como homeostase e duplo-vínculo, e da linha sistêmico-constructivista, a teoria da ressonância. Os conceitos são articulados com a teoria junguiana, respectivamente na questão da compensação psíquica e da sincronicidade. Recortes clínicos com fotos de caixa de areia (*sandplay*) e relatos de mitologia e tragédia gregas são agregados ao texto, na busca de maior clareza e vitalidade. Mostramos também como pode ser rico o entrecruzamento das duas teorias, a sistêmica e a junguiana, trazendo para o terapeuta a possibilidade de compreensão clínica mais ampla. Chamamos à atenção o fato de que tanto as visões junguiana quanto a sistêmico-constructivista se incluem dentro de um novo paradigma emergente.

ABSTRACT

Our proposal in the present study, is to bring connections between: on one side, the jungian psychotherapy and its theoretical basis; and, on the other, the theory and practice of the systemic family therapy. We work on themes like homeostasis and double-bind, and the theory of resonance. Those concepts are articulated with the jungian theory, related to the themes of psychic compensation and synchronicity. Clinical examples with images of sandplay, and stories from the Greek mythology and tragedy are brought, to amplify and give more vitality to the text. We also hope to evidence how rich is the relationship of both theories, the systemic and the jungian, bringing new possibilities of clinical understanding to the therapist. We call attention to the fact that both the jungian and the systemic-constructivist views are included in a new emergent paradigm.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
I – JUNG, UM DOS PRECURSORES DA TERAPIA DE FAMÍLIA ?	5
I.1 – A teoria dos complexos	5
I.2 – Os arquétipos e o inconsciente coletivo	15
I.3 – O processo de individuação	28
II – CONCEITOS RELEVANTES DA TEORIA JUNGUIANA	34
II.1 – O símbolo e a compensação psíquica	34
II.2 – O Self como totalidade e centro da psique	43
II.3 – Sincronicidade	44
III – CONCEITOS RELEVANTES DA TEORIA SISTÊMICA	49
III.1 – Sistema e a homeostase	49
III.2 – Duplo-vínculo e duplo-vínculo recíproco	59
III.3 – Construtivismo	64
III.4 – Ressonância	68
IV – ARTICULAÇÕES DE CONCEITOS SISTÊMICOS COM A TEORIA JUNGUIANA	69
V – CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	85

INTRODUÇÃO

Nossa pesquisa é uma tentativa de articular a teoria familiar sistêmica com a teoria da psicologia analítica, de C.G. Jung. O trabalho descreve um duplo interesse na prática clínica. A partir do trabalho em consultório com pacientes individuais, fomos percebendo, cada vez com maior clareza, o quanto os indivíduos precisam ser compreendidos dentro do referencial do lugar que ocupam no sistema familiar. Passamos então a trabalhar também com famílias e casais e sentir que a visão junguiana, com a riqueza dos seus parâmetros simbólicos, podia acrescentar muito ao enfoque sistêmico. Em função de termos buscado uma dupla formação, em psicologia analítica e também em terapia familiar sistêmica, pudemos perceber paralelos importantes entre os dois campos teóricos .

Carl Gustav Jung nasceu em 1875, em Kesswill, Suíça. Formou-se em medicina em 1900, e especializou-se em psiquiatria no Hospital Burghölzli, em Zurique, onde passou a residir. Colaborou com Freud entre 1907 e 1913, quando então houve o rompimento da profunda amizade que os unia. Depois de um período de isolamento, Jung lançou uma teoria própria, que denominou psicologia analítica. Jung iniciou a exploração da psique humana no seu primeiro livro publicado em 1901 (Sobre a psicologia e patologia dos assim chamados fenômenos ocultos, obras comp. vol. I), no qual descreve psicologicamente o mundo interno de uma médium. Dali, ele parte então para a pesquisa dos complexos inconscientes através do teste de associação de palavras; e pesquisa a fundo os delírios de psicóticos, sonhos de pacientes,

mitologias e história das religiões, trazendo-nos a noção dos arquétipos e do inconsciente coletivo. A partir daí, surge a idéia de uma estrutura supraordenada, o Self, que conduziria o processo de desenvolvimento psíquico do indivíduo e sua melhor adaptação ao meio ambiente. O Self traz finalidade para os processos psíquicos. Finalmente formula a noção de sincronicidade, influenciado pelos avanços da física moderna e também pelo pensamento oriental. A sincronicidade seria um princípio de conexão não causal, para explicar a ocorrência de certos fenômenos.

Para falar da teoria sistêmica, podemos afirmar que os autores das escolas sistêmicas em terapia de família (Bateson, Watzlavick, Beavin, Jackson etc.) foram muito influenciados pela cibernética e pela teoria geral dos sistemas (Bertalanffy, 1968). De início, estudou-se com muita ênfase, a comunicação, e destes estudos destacam-se dois pontos fundamentais: a) todo comportamento comunica algo; b) qualquer comunicação implica um envolvimento e, portanto, define a relação. (Féres- Carneiro, 1996)

A partir desses estudos da comunicação humana, de início desenvolvidos em famílias de psicóticos, a terapia familiar evoluiu muito, passando pelo estudo de famílias menos comprometidas, e chegando a conceber o sistema não mais como algo isolado a ser estudado, mas como alguma coisa da qual o próprio terapeuta faz parte (teoria sistêmico-construtivista).

A busca empreendida por Jung e aquela dos sistêmicos ocorreram em épocas e situações bastante diversas, apesar de chegarem a pontos de vista muito semelhantes. Cada vez fica mais claro para nós, que muito mais as

semelhanças do que as diferenças entre as linhas de terapia são responsáveis pelas mudanças que ocorrem nos pacientes. Quando examinamos a fundo as correntes de psicoterapia, encontramos, cada vez mais, pontos de vista e abordagens comuns. O modelo terapêutico tem muito mais importância para o terapeuta que vai se identificar com uma determinada abordagem teórica e ter maior facilidade com a técnica. É também o terapeuta quem, acreditando na sua forma de trabalhar, vai mobilizar uma expectativa positiva e a esperança do paciente. Todas as linhas teóricas, em nosso entender, devem ser a todo o momento e sempre que possível avaliadas no trabalho clínico, e observadas nos seus resultados. A relação entre teoria e prática deve ser uma relação viva. O ser humano, enquanto ser vivo, está sempre em mudança, e assim a sua psicologia. A nossa intenção aqui não é propor alterações dentro do corpo teórico junguiano ou da teoria sistêmica; muito menos desejamos propor um ecletismo de várias correntes psicoterápicas. Pretendemos, nesta dissertação, pesquisar as articulações entre estas duas teorias e trazer ilustrações com recortes clínicos relevantes.

É objetivo deste trabalho buscar paralelos entre conceitos teóricos relevantes das teorias junguiana e familiar sistêmica, especialmente entre os conceitos de compensação para a psicologia analítica e homeostase para a terapia familiar sistêmica; e de sincronicidade para a psicologia junguiana e ressonância para a terapia sistêmico-construtivista.

Pretendemos assim ressaltar que o modo de pensar junguiano e o modo de pensar sistêmico não se excluem mutuamente, mas se

complementam. E, tendo em vista esta possível complementaridade, destacar sua relevância para a prática clínica.

I – JUNG, UM DOS PRECURSORES DA TERAPIA DE FAMÍLIA?

I.1 – A Teoria dos Complexos

Carl Gustav Jung, assim que se formou em medicina, foi trabalhar com Eugen Bleuler no Hospital Burghölzli (em Zurique), do qual o último era diretor. Naquela época, Jung havia lido o recém-publicado livro de Sigmund Freud, "A Interpretação dos Sonhos", e iniciou-se uma série de encontros pessoais e correspondências entre os dois, quando Jung teve a oportunidade de se revelar grande colaborador de Freud. Neste período (entre 1904 e 1911), seguindo uma tendência da psiquiatria, passou a utilizar o teste de associação de palavras criado por Wilhelm Wundt. A intenção básica do teste era provar que as idéias se associavam na mente por semelhança, contraste, contigüidade. Kraepelin, com o teste, trouxe a distinção entre associações internas e externas; as primeiras tinham ligação com o significado das palavras, e as últimas com as formas do discurso e com os sons. Notou também que a febre, embriagues ou o cansaço alteravam as respostas. Ziehen deu um grande passo quando descobriu que o tempo de reação se alongava quando a palavra proposta continha uma conotação desagradável para o sujeito. Reunindo então várias respostas com tempo de reação prolongado, percebeu que se poderia chegar a uma representação comum subjacente, que ele denominou: complexos de representações emocionalmente carregadas (Ellenberger, 1974).

Jung passou a utilizar o teste de associação de palavras para pesquisar fenômenos inconscientes, e de tal forma corroborar as recentes

descobertas de Freud. Em colaboração com seus colegas Bleuler, Wehrli, Ruerst, Binswanger, Nunberg e Riklin, Jung adaptou o teste de associação de palavras. Escolheram a princípio 400 palavras-estímulo: algumas do cotidiano e aparentemente mais neutras (mesa, pão), e outras mais provocadoras (brigar, acariciar). Mais tarde esse número foi reduzido para 100 palavras. O teste consiste em uma série de palavras-estímulo que são ditas pelo observador. O indivíduo testado, a cada palavra-estímulo deve pronunciar uma palavra-resposta. O tempo transcorrido para responder é cronometrado, e a resposta é anotada. Além da demora para responder, os lapsos, o gaguejar, o bloqueio em responder, a repetição das mesmas respostas, respostas com rima, o esquecimento da palavra-estímulo, tudo é observado.

Jung (1997) percebeu que certas respostas eram indicadoras de perturbações, porque a palavra indutora havia tocado algum conteúdo emocional. Esses conteúdos eram os complexos. Ao se solicitar às pessoas testadas que fizessem associações com esses agrupamentos de palavras-estímulo que haviam demonstrado perturbações nas respostas, elas eram capazes de chegar a descrever situações vividas no passado com grande carga emocional. As palavras-estímulo, portanto haviam tocado conteúdos inconscientes responsáveis pelas perturbações na consciência.

Segundo Silveira (1968):

“Os complexos são agrupamentos de conteúdos psíquicos carregados de afetividade. Compõem-se primariamente de um núcleo possuidor de intensa carga afetiva. Secundariamente estabelecem-se associações com outros elementos afins, cuja coesão em torno do núcleo é mantida pelo afeto comum a seus elementos. Formam-se assim verdadeiras unidades vivas, capazes de existência autônoma. Segundo a força de sua

carga energética, o complexo torna-se um ímã para todo fenômeno psíquico que ocorra ao alcance de seu campo de atração". (p.35)

O estudo estatístico desses testes, com a determinação dos complexos patológicos dos indivíduos, relacionando-os aos seus sintomas e história de vida, pôde comprovar a existência do psiquismo inconsciente descrito por Freud. Os complexos, portanto, vão se originar a partir de alguma experiência dolorosa de vida.

Para Bleuler, o paciente esquizofrênico era incapaz de associar. Jung pesquisou o teste com pacientes esquizofrênicos e histéricos graves. Ele pode concluir que mesmo os portadores de demência precoce (nome dado à esquizofrenia naquela época), eram capazes de responder ao teste com associações, mas demonstravam a existência de complexos fixos, impossíveis de serem transformados. Jung (1997) estudou a fundo o caso de um esquizofrênico de 60 anos, com 20 anos de internação psiquiátrica, e que sofria de alucinações e idéias delirantes, à primeira vista totalmente incoerentes. Utilizou como palavras-estímulo, algumas que pareciam pertencer ao seu repertório delirante. Veio então a identificar um grande número de complexos que exprimiam, de forma sistemática, um desejo de compensação para a sua situação consciente.

Em 1909, Jung escreveu um ensaio intitulado "A Constelação Familiar". Neste artigo ele analisa os resultados dos testes de associação de palavras que foram aplicados a elementos de várias famílias. Observou que havia associações muito semelhantes entre indivíduos da mesma família, principalmente entre crianças e seus pais. O autor nos diz (1997):

"A desarmonia latente entre os pais, uma preocupação secreta, desejos secretos e reprimidos, tudo isso produz na criança um estado emocional, com sinais perfeitamente reconhecíveis, que devagar mas segura e inconscientemente vai penetrando na psique dela, levando às mesmas atitudes, e portanto, às mesmas reações aos estímulos do meio ambiente. ...Tudo é retratado inconscientemente na criança; mesmo coisas das quais nunca se falou". (§ 1007)¹

Podemos portanto notar que aqui Jung chama a atenção para o contágio psíquico, como outra possível fonte de complexos. Este contágio psíquico, estas influências cruzadas atualizadas no relacionamento cotidiano, levaram os indivíduos testados a padrões de relação bastante semelhantes. Tais estudos vieram confirmar os achados de Freud, que já demonstrara a influência dos pais na formação da neurose dos filhos. Jung observou que os casos em que as respostas eram muito semelhantes estavam apontando para uma indiferenciação psíquica, e indicavam sujeitos mais predispostos a problemas psíquicos, mas que, pelo fato de estarem sob a influência dos demais, se viam menos ameaçados de conflitos com o grupo.

Jung observou que o inconsciente se modela pelas relações existentes no ambiente familiar, e que o que tem o efeito mais poderoso não é o que provém da consciência, mas do inconsciente. Segundo ele nos afirma (Jung, 1977):

"O que geralmente tem o efeito psíquico mais forte na criança é a vida que os pais (e ancestrais também, pois estamos lidando aqui com o fenômeno psicológico do pecado original) não viveram. Esta afirmação seria na verdade descuidada e superficial se a ela nós não acrescentássemos à guisa de

¹ Em todos os volumes das Obras Completas de Jung, as indicações são feitas em parágrafos (§). É uma forma de facilitar a localização do texto citado, independentemente do idioma ou da edição do livro em questão.

qualificação: aquela parte de suas vidas que deveria ter sido vivida, não fosse por alguma desculpa trivial (velha, surrada) que se criou para não fazê-lo. Para colocá-lo mais claramente, é esta parte da vida da qual eles sempre se esquivaram, provavelmente utilizando-se de uma mentira piedosa. Isto semeia os germes mais virulentos... Não se deve esquecer que isto é uma questão de pecado original, um pecado contra a vida e não uma contravenção à moralidade criada pelo homem, e que os pais devem portanto ser vistos como filhos dos avós. A maldição dos atridas não é uma frase vazia." (p. XVIII e XIX)²

Na Grécia antiga havia duas noções importantes: a de *hamartia* e a de *Génos*. *Hamartia* vem do verbo *hamartáein* que quer dizer errar o alvo, errar, cometer uma falta. *Génos* pode ser traduzido por descendência, família, grupo familiar, pessoas ligadas por laços de sangue. Se houver uma *hamartia* cometida por um *génos* contra outro *génos* aparecerá a necessidade de vingança. Da mesma forma, se a *hamartia* ocorrer dentro do próprio *génos*, o parente próximo deverá vingar-se. Isto porque, no sangue derramado está uma parcela do seu sangue e por analogia, uma parcela da alma do *génos* todo (Brandão, 1986).

O autor nos fala:

"A essa idéia do direito do *génos* está indissolivelmente ligada a crença na maldição familiar, a saber: qualquer *hamartia* cometida por um membro do *génos* recai sobre o *génos* inteiro, isto é, sobre todos os parentes e seus descendentes..." (p. 77).

A maldição da casa dos Atridas, à qual Jung se refere, corresponde a um erro, uma *hamartia* de Tântalo, rei da Frígia, cometido contra a amizade e a confiança depositada nele pelos deuses do Olimpo. Para testar a onisciência

² Esta designação em algarismos romanos corresponde às páginas do prefácio escrito por Jung para o livro de Wickes – "The inner world of childhood" (1977).

dos Olímpicos, este sacrificou seu filho Pélops e ofereceu-o como alimento aos deuses, em um banquete. Tântalo foi por isso punido e jogado no Tártaro, condenado à fome e sede eternas. Niobe, filha de Tântalo, vem mais tarde a repetir o destino de seu pai. Ela tivera 14 filhos, e muito orgulhosa de seus 7 meninos e 7 meninas, gabava-se de sua superioridade em relação a Leto, que tivera somente um casal de filhos (os deuses Apolo e Ártemis) com o deus máximo do Olimpo, Zeus. Os filhos de Niobe foram todos mortos: os meninos por Apolo, e as meninas por Ártemis.

Pélops é recomposto e trazido à vida pelos deuses, e se casa com Hipodamia, tendo como filhos Atreu, Tieste e Crisipo. Atreu e Tieste se unem para assassinar Crisipo. Por circunstâncias do mito, coube a Atreu e Tieste o trono de Micenas. Não conseguindo fugir ao padrão de luta pelo poder, muito menos escapar do destino trágico que a hamartia original os condenara, Atreu e Tieste agora vão disputar o trono. Várias traições e assassinatos vão ocorrendo em série, até que chegamos aos descendentes de Atreu: Agamêmnon e Menelau.

Agamêmnon, para obter Clitemnestra como esposa, matou-lhe o marido e um filho recém-nascido. Deste casamento contra sua vontade, Clitemnestra deu à luz três filhos: Ifigênia, Electra e Orestes.

Menelau, por sua vez, teve sua esposa Helena seqüestrada por Paris, rei de Tróia. Pediu então a ajuda de seu irmão Agamêmnon para a famosa guerra dos gregos contra os troianos, e recuperar Helena.

Os gregos então reuniram sua armada em Áulis para se dirigirem a Tróia. Agamêmnon, desrespeitando a deusa Ártemis, matou sua corça

sagrada. Como vingança, Ártemis parou todos os ventos, impedindo as naus de zarparem, e exigiu em sacrifício a morte da filha de Agamêmnon e Clitemnestra, Ifigênia. Os barcos partem rumo a Tróia, mas quando Agamêmnon retorna vitorioso a sua casa, é assassinado pela mulher, Clitemnestra. Mais tarde a morte dele vai ser vingada pelo filho Orestes, que assassina a própria mãe, Clitemnestra.

Na tragédia da família dos Atridas podemos ver como os filhos não só repetem inconscientemente muitas vezes os erros dos pais, como também se vêem presos em emaranhados de relações familiares não resolvidas e terminam por pagar pelos erros dos seus pais, avós e antepassados. Jung (1977) está nos chamando a atenção para uma contaminação psíquica que passa de geração para geração:

"Para aqueles que buscam a teoria, o fato essencial por trás de tudo é que as coisas que têm o efeito mais poderoso sobre as crianças não vêm do estado consciente dos pais, mas do seu inconsciente" (p. XVII).

Nos atendimentos de família, podemos observar com bastante clareza como acontecem estes encadeamentos de desgraças, ou como se perpetua, através de gerações, esta hamartia do gênos.

Certa vez atendemos uma paciente, Maria, em análise. Sua história familiar era bastante difícil. Os pais tinham uma relação conjugal muito complicada. Moravam todos, na sua infância e adolescência, num casarão grande onde era permitido ao pai levar suas amantes para casa. A mãe, em contrapartida pelo desrespeito do marido, era muito autoritária, rude e pouco

amorosa com os filhos, a quem tratava quase como escravos. Esse casal teve 5 filhos, 2 homens e 3 mulheres. Uma das mulheres, a mais jovem, nasceu com uma deficiência intelectual grave, e a irmã mais velha optou por dedicar sua vida aos cuidados com a mais nova.

Nossa paciente, a filha do meio, foi vítima de abuso sexual por um dos irmãos, aos 10 anos. Este irmão, anos mais tarde, numa briga de bar, recebeu um tiro no rosto, ficando cego. O outro irmão foi trabalhar com o pai, e terminou por enganar a todos, dando um grande desfalque na empresa.

Maria casou-se e saiu da cidade onde habitava, vindo residir no Rio de Janeiro. Chegou à terapia por causa de crises de pânico, que coincidiram com o diagnóstico de sua primeira gravidez. No curso da terapia, relatou-nos um sonho que muito a havia assustado. No sonho, ela via quando uma serpente pulava em seu seio e o picava.

Suas crises de pânico certamente tinham muitas conexões com o medo de ter um filho, de assumir realmente sua família. A experiência de família que havia tido era muito destrutiva, e possivelmente tinha medo de repetir as tragédias da família ancestral na sua família atual.

Era necessário que pudéssemos trabalhar em análise os seus conflitos e medos, para que ela se sentisse aliviada e pudesse enfrentar sua gravidez com mais coragem e alegria. No entanto, seu sonho era a repetição do sonho de Clitemnestra. Na tragédia grega (*A Oréstia*, de Ésquilo, in Brandão, 1986), que narra a sina da família dos Atridas, existe um relato de um sonho que a rainha Clitemnestra tivera. No sonho, ela percebe que uma cobra lhe pica o seio. Pouco depois do sonho, ela é assassinada pelo seu filho, Orestes. A serpente

que pica o seio está representando a traição e o desejo de morte do filho que ali foi alimentado.

No sonho de Maria, a mesma imagem aparece e coincide com o início das crises de pânico. Talvez ela se sentisse culpada em abandonar sua família de origem, mas principalmente sua mãe e irmãs, expostas àquele masculino destrutivo representado pelo pai e irmãos.

Assim como Clitemnestra assassinara o marido Agamêmnon, e depois viria a ser morta pelo próprio filho Orestes, Maria se sentia abandonadora e assassina da família ancestral, e tinha medo de sofrer as conseqüências no nascimento do filho, medo de ser traída pelo filho, como Orestes tinha traído a mãe. Estava impregnada pela maldição familiar, mesmo morando bem longe de todos.

Orestes, após assassinar sua mãe Clitemnestra, é perseguido e enlouquecido pelas Eríneas, as vingadoras do sangue familiar derramado. Na tragédia, ele só é salvo, quando no julgamento a que é submetido pelo assassinato da mãe, recebe o voto de perdão de Atena, que decide a votação. Atena, como deusa da sabedoria, consegue o perdão para Orestes e transforma as Eríneas em Eumênides (as benfazejas). Para que a paz possa reinar na mente de Maria, é necessário o perdão de uma mulher sábia como Atena. Maria deve conseguir, através da análise, se desidentificar sem culpa das figuras terríveis da sua família de origem. Deve permitir que as Eríneas se transformem em Eumênides, isto é, o que existir de mágoa, rancor, raiva e desejo de vingança tem que ser transformado em um pouco de paz e alegria

para que seu bebê possa nascer num ambiente tranquilo e para que a maldição familiar possa ser interrompida.

Para entendermos agora uma situação menos trágica, mas que mostra a influência inconsciente dos pais e avós sobre os descendentes, podemos relatar o caso de uma criança de 10 anos que atendíamos em terapia individual. Em uma sessão de ludoterapia, brincávamos de "jogo da velha", e notamos que ele se enfurecia cada vez que o jogo empatava, isto é, "dava velha". Preferia até perder, mas não queria que "desse velha". Percebemos com isso a alusão que fazia ao seu problema. Ele fora encaminhado para a terapia por dificuldades na escolaridade. Seus pais trabalhavam durante todo o dia e ele era obrigado a ficar a maior parte do tempo com sua avó materna. É claro que preferia "perder" no jogo, isto é, ser visto como mau aluno, ter dificuldades de aprendizado, do que deixar a sua avó ganhar na competição com seus pais pela sua educação. Sua avó fora professora, e tirando notas baixas ele tentava provar para seus pais que a avó não era a melhor escolha como educadora para ele.

Resolvemos então chamar estes pais e a avó para uma sessão de família. Nesta sessão ficou evidenciado porque os pais não tinham tempo para dar ao seu filho. Esta avó era uma pessoa muito autoritária, tinha tido uma relação muito difícil com seu falecido marido, e em função dessas dificuldades ligou-se muito simbioticamente à sua única filha (nunca saberemos se o que surgiu primeiro foi a simbiose com a filha ou a dificuldade com o marido, mas de qualquer maneira uma questão está muito vinculada à outra). Casando-se, a filha entregou à mãe seu próprio filho, como substituto, numa tentativa de

romper a relação simbiótica com ela. Assim, a filha acabou por repetir com o marido a relação que tivera com a mãe, não admitindo a entrada de um terceiro, que no caso seria o filho. Com sua dificuldade escolar e afetiva, o menino reclamava uma relação mais sadia dentro da família.

Em nossos consultórios, a hamartia pode ser percebida como os sintomas que os filhos ou descendentes apresentam quando existe uma falta cometida pelos pais ou ancestrais, e que lhes é comunicada inconscientemente.

1.2 – Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo

Os arquétipos são padrões de representação psicológica. Da mesma forma que existem os instintos, existem predisposições inatas na raça humana para construir representações semelhantes. O arquétipo em si não é perceptível, só através de sua representação pela Imagem Arquétípica. Esta é composta pelo núcleo arquétípico acrescido de conteúdos da consciência, que por tal meio vão torná-lo representável para nós. A idéia dos arquétipos nos faz compreender porque existem temas comuns em mitos, lendas, histórias de religião, sonhos de pacientes ou delírios de psicóticos. Os arquétipos se localizam no Inconsciente Coletivo, assim chamado porque é comum a toda a raça humana.

Os complexos, como vimos, vão se formar a partir das experiências vividas pelo indivíduo na sua relação com o meio ambiente e a família. No entanto, além desses aspectos mais individuais da experiência de cada pessoa, existe um núcleo em cada complexo, onde podemos encontrar o

arquétipo. Por exemplo, no pano de fundo do nosso complexo materno, existe o contato com nossa mãe pessoal, a percepção de outras relações maternas, mas existe também uma idéia do que é ser mãe. Alguma coisa que dificilmente conseguiríamos definir em termos práticos, que extrapola as nossas relações com nossa mãe, e que ao mesmo tempo marca profundamente essa relação, criando distorções na apreensão de seu significado. Existem matrizes que organizam a forma como percebemos o real e correspondem aos arquétipos. Jung (1977) nos diz:

"Atrás de todo pai individual existe a imagem primordial do Pai, e atrás de toda mãe existe a imagem ou figura mágica da Grande Mãe. Estes arquétipos do inconsciente coletivo são os dominantes que regulam a alma pré-consciente da criança e que, quando projetados nos pais humanos, emprestam-lhes uma fascinação que muitas vezes atinge proporções monstruosas". (p. XVIII).

Estas percepções ocorrem não apenas em relação às figuras parentais, mas também a todas as experiências psíquicas, como se os arquétipos estivessem no pano de fundo de todas elas. Para formular a hipótese dos arquétipos e do inconsciente coletivo, Jung (1982) se ocupou de anotar delírios de psicóticos, sonhos seus, e de pacientes, e reconheceu vários temas comuns. Certa vez anotou o delírio de um psicótico que afirmava que havia um falo no sol, e que quando se movia a cabeça de um lado para o outro, olhando para o sol, o falo do sol se moveria também, dando origem aos ventos. Quatro anos mais tarde, foram traduzidos do grego arcaico, textos recém descobertos por arqueólogos. Estes textos traziam o relato de visões dos adeptos da religião de Mitra. Jung se surpreendeu com a descrição de um tubo que saía do

disco solar e do qual se originavam os ventos. A coincidência entre os dois relatos era impressionante. Esse paciente não poderia ter tido acesso aos textos, uma vez que a sua publicação ocorreu 4 anos após o encontro com Jung. Este é um exemplo de situação arquetípica. O psicótico, pela fragilidade egóica, está mais "mergulhado" no inconsciente coletivo, trazendo temas arquetípicos e vivenciando-os em seus delírios. (p.380)

Um outro exemplo de arquétipo seria o do herói. Podemos encontrar essa imagem arquetípica em todos os mitos, lendas, religiões, mas também podemos experimentá-lo em nossa psique quando nos vemos expostos a uma situação ameaçadora para a sobrevivência física. O psicótico, sem um ego que possa filtrar a energia que é trazida pelos arquétipos, se vê invadido pelas imagens arquetípicas que o desorientam e o fazem identificar-se muitas vezes com figuras heróicas da cultura como Napoleão, Jesus Cristo, etc. Segundo Jung, no nascimento só existe o inconsciente coletivo e é dele que surge o ego. A criança, ainda sem um ego estruturado, pode perceber com bastante facilidade, não só o inconsciente pessoal dos pais, como também o inconsciente coletivo, isto é, o poder dos arquétipos. Jung (1977) :

"O inconsciente coletivo, que está ainda muito próximo da criança pequena, percebe não só o passado dos pais, mas, ainda mais além, percebe as profundidades de bom e mau na alma humana".(p. XX)

Na nossa vivência como mãe, tivemos certa vez uma experiência muito interessante: nossa filha mais nova contava apenas 2 anos quando nos mudamos para uma casa no Cosme Velho, onde éramos periodicamente visitados por gambás. Pelo fato do gambá ser um marsupial, despertou grande

interesse nas crianças, que queriam sempre ver um filhote na bolsa da barriga de sua mãe. Certo dia nossa filha veio nos chamar para vermos um filhote de gambá que parecia estar doente. Realmente, o pequeno animal dava dois passos e caía, para depois recomeçar a caminhada. Achemos que possivelmente ele havia ingerido veneno de rato e contamos à criança, que reagiu nos perguntando:

—“Por que a mãe não cuidou direito dele, e deixou-o comer veneno ?
Vá, mamãe, coloque-o no colo para ele ficar bom rápido!”

Esta curiosa recordação nos faz entender que para a criança pequena a mãe pessoal ainda se encontra bastante misturada com a imagem da mãe arquetípica. Ou ela é a mãe abandonadora, assassina que não quer proteger seu filhote, ou então é a redentora sem limitação humana, miraculosa. É a figura mágica, que só de colocá-lo no colo pode curá-lo de todos os males e salvar-lhe a vida. Essa é a mãe arquetípica; e como todo arquétipo, inclui a polaridade positiva e negativa.

Atendemos certa vez um rapaz em terapia. Tinha 18 anos, cursava o primeiro ano de medicina, e viera para a terapia após uma tentativa de suicídio. Havia se lançado do quarto andar do prédio onde morava, mas por sorte só havia fraturado a bacia. Este rapaz morava em um apartamento pequeno com a mãe viúva de 60 anos, uma tia-avó cega de 95 anos e uma empregada que havia sido babá de sua mãe e contava 80 anos. Seu pai faleceu quando ele tinha 2 anos de idade, e seus dois irmãos mais velhos já haviam saído da casa da mãe há alguns anos. A diferença de idade entre o primeiro filho e o segundo era de dois anos, e entre este e o meu cliente, oito

anos. Ele descrevia a mãe como uma pessoa difícil e autoritária, e que sempre evitava o diálogo.

O paciente dormia na sala do apartamento de dois quartos onde moravam. A mãe ocupava um dos quartos, enquanto a tia e a babá dormiam no outro.

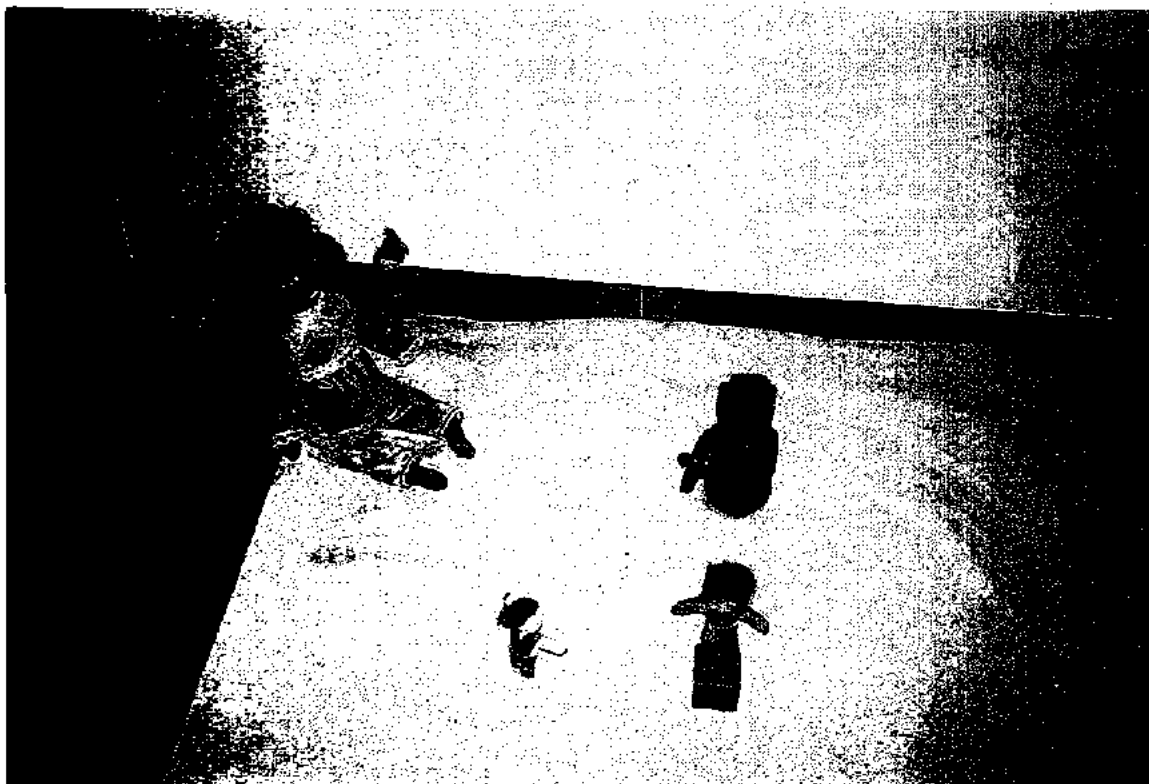
O início da terapia foi difícil, uma vez que ele dizia que teria vindo meramente para atender um pedido da mãe. Aos poucos foi fazendo um vínculo bom conosco, principalmente porque se interessava em ler textos junguianos e às vezes comentá-los na sessão. Como forma de ganharmos sua confiança, dispusemo-nos a trocar idéias sobre os textos que ele lia, e na medida do possível fazíamos paralelos com sua situação de vida.

Num dado momento, propusemos-lhe que construísse uma cena na caixa de areia, que veio a revelar, através de suas associações, dados importantíssimos para a terapia.

Aqui gostaríamos de explicar a utilização da caixa de areia. Jung sempre valorizou muito os símbolos do inconsciente que apareciam em sonhos. Procurou criar técnicas que, além dos sonhos, pudessem mobilizar o aparecimento de símbolos na consciência. Utilizou no seu consultório a técnica do desenho livre e da Imaginação Ativa. Esta última é uma técnica na qual se busca de início esvaziar a mente consciente dos pensamentos mais corriqueiros, como se fosse uma técnica de meditação. Deve-se então focar a atenção na imagem que possa surgir na mente consciente, e tentar dialogar com ela. Jung denominou essa técnica de imaginação ativa, porque existe de início uma busca ativa por uma imagem ou símbolo do inconsciente. A partir

deste momento o controle consciente deixa de dominar para que se possa dialogar com a imagem, colocar questões, observar reações e respostas. Esta técnica foi muito utilizada por Jung, não só com seus clientes, como no seu próprio processo de auto-análise, com a intenção de acelerar a resposta inconsciente aos problemas da consciência. Trata-se de uma técnica de difícil aplicação, porque pode facilmente ser confundida pelo paciente com uma proposta de fantasiar uma solução ideal para o problema consciente, quando não é esta a intenção. A idéia é, muito mais do que isto, fazer as camadas mais profundas do inconsciente "falarem" com a consciência através de imagens. Além disso, outro problema seria aplicar tal técnica em um paciente com uma estrutura de ego mais frágil, que entraria em contato rápido com imagens profundas e seria incapaz de elaborá-las na consciência. Esta técnica só deve ser aplicada em pacientes nos quais estejamos convictos da existência de uma estrutura forte de ego, que não correm o risco de uma dissociação psicótica.

A técnica de caixa de areia (*sandplay*), foi criada por Kalff (1980), analista de Zurique, Suíça, contemporânea e seguidora de C.G. Jung. O trabalho tem como idéia mobilizar símbolos do inconsciente que possam trazer uma resposta à situação consciente, só que de maneira bastante mais segura do que a imaginação ativa estrito-senso. Utiliza-se uma caixa de medidas específicas (72 x 57 x 7 cm), cheia até a metade com areia, e uma estante com miniaturas as mais variadas, desde bonecos, animais, utensílios, carros, aviões, até tijolos, pedras, conchas, etc. O tamanho da caixa tem a intenção de limitar a imaginação do paciente, agindo como fator de proteção.



Na cena podemos ver uma estátua de pedra, que ele diz ser um mestre espiritual. Segundo nos relatou, ele se reunia com o mestre e mais alguns amigos seus, numa casa no Grajaú, bairro do Rio de Janeiro, semanalmente. Havia um ritual no qual esta pessoa, um homem, vestido de branco e empunhando uma espada, encarnaria uma entidade que se autodenominava "Arcanjo", e fazia suas preleções. Segundo nosso paciente, durante uma dessas sessões, o mestre lhe havia chamado a atenção para sua pequena dedicação à causa do grupo, e o ameaçara de expulsão. Foi nesta noite que ele tentou o suicídio.

Através do que foi exposto na caixa, pudemos compreender um pouco melhor a situação psíquica deste jovem. No nosso entender, este mestre espiritual era uma figura de significado importantíssimo em sua vida. Através

da cena na caixa ele pode surgir e ser discutido. Percebemos a enorme influência deste mestre em sua tentativa de suicídio, e traçar paralelos com sua história³.

Podemos ver que a dimensão da boneca escolhida para representar sua mãe é bem maior do que as outras, além de ser uma boneca grávida, que carrega um bonequinho bebê na barriga. A namorada encontra-se quase escondida atrás da mãe, mostrando-nos o quanto a sua significação de mulher ideal, anima, encontra-se abafada pela da mãe, não só da mãe pessoal, mas do arquétipo da grande mãe. A posição da boneca- analista, no nosso entender, naquele momento específico da terapia, demonstra uma relação de transferência positiva.

Ela se encontra ao seu lado, em posição de poder, já que se senta em algo que a faz mais alta e em condições de confrontar o mestre. Esta associação que ele faz sobre a analista sugere que o paciente gostaria de já ter uma estrutura de personalidade que lhe permitisse questionar o mestre espiritual em seu aspecto mais terrível e castrador. No nosso entender, esse rapaz estava sufocado pelo aspecto materno presente em sua vida. Precisava muito de uma figura masculina que pudesse encarnar o pai (seus irmãos não mantinham qualquer contato com ele ou com a casa da mãe). Procurou no mestre espiritual a imagem do pai, só que em vez de encontrar uma figura paterna de carne e osso, encontrou um pai "entidade", um pai no seu aspecto arquetípico. Seu pai natural, que havia falecido precocemente, quando ele era

³ Mesmo que este mestre espiritual pudesse ser fruto de uma fantasia delirante, representava um símbolo muito importante a ser trabalhado no seu processo terapêutico.

ainda um bebê, foi percebido como negativo e abandonador. Ao procurar pelo pai no mestre, encontrou também o abandono e a rejeição, pela crítica e ameaça de expulsão do grupo. Numa relação com um pai presente e positivo, teria podido estruturar de forma mais consistente seu ego, possibilitando uma interdição da relação de simbiose com o mundo das mães (mãe, tia, babá). Isto seria verdadeiro tanto no nível das relações conscientes, como da sua relação com o inconsciente.

Segundo Jung (2000):

"... Atribuo à mãe pessoal um significado mais limitado. Isto significa que não é apenas da mãe pessoal que provêm todas as influências sobre a psique infantil descritas na literatura, mas é muito mais o arquétipo projetado na mãe que outorga à mesma um caráter mitológico e com isso lhe confere autoridade e até mesmo numinosidade. Os efeitos etiológicos, isto é, traumáticos da mãe devem ser divididos em dois grupos: primeiro, os que correspondem à qualidade característica ou atitudes realmente existentes na mãe pessoal. Segundo, os que só aparentemente possuem tais características, uma vez que se trata de projeções de tipo fantasioso (quer dizer, arquetípico) por parte da criança". (§ 159)

Para explicarmos melhor a dinâmica deste recorte clínico, gostaria de relatar um mito babilônico e a partir de sua interpretação, traçaremos analogias e paralelos arquetípicos com o nosso caso clínico. Trata-se do mito de origem da humanidade na antiga Babilônia, denominado Enuma Elish (Jacoby, 1971).

O mito conta que no início existia a deusa do caos, Tiamat. Esta resolve criar os primeiros deuses cósmicos: Espaço, Tempo, Céu e Terra. Os deuses cósmicos começam a fazer muito barulho, incomodando o sono de Apsu, seu marido. Tiamat resolve então destruí-los, e para isso cria agora um exército de monstros chefiados por Kingú, seu filho monstro e também seu amante. Os

deuses cósmicos, para se defenderem, chamam o herói Marduk, filho de Ea, o deus da sabedoria. Marduk então vai chefiar o exército dos deuses cósmicos contra os monstros de Tiamat, munido da espada de seu pai, de uma rede, e dos quatro ventos. A batalha é dura mas Marduk consegue imobilizar Tiamat com a ajuda dos ventos e da rede. Derrota o exército de monstros com a espada, matando Kingú, o filho incestuoso da deusa do caos. Tiamat, como deusa, é imortal e por isto é transformada em rios, montanhas, vales, nuvens... Kingú é morto e do seu sangue surge a raça humana.

Voltando ao nosso recorte clínico, e fazendo um paralelo com o mito de Marduk, podemos entender melhor a função dos arquétipos da mãe e do Pai.

Nosso paciente, como filho de mãe muito dominadora, precisava encontrar dentro de si um herói como Marduk, munido da força do pai (sua espada, ou a orientação dada pelos ventos).

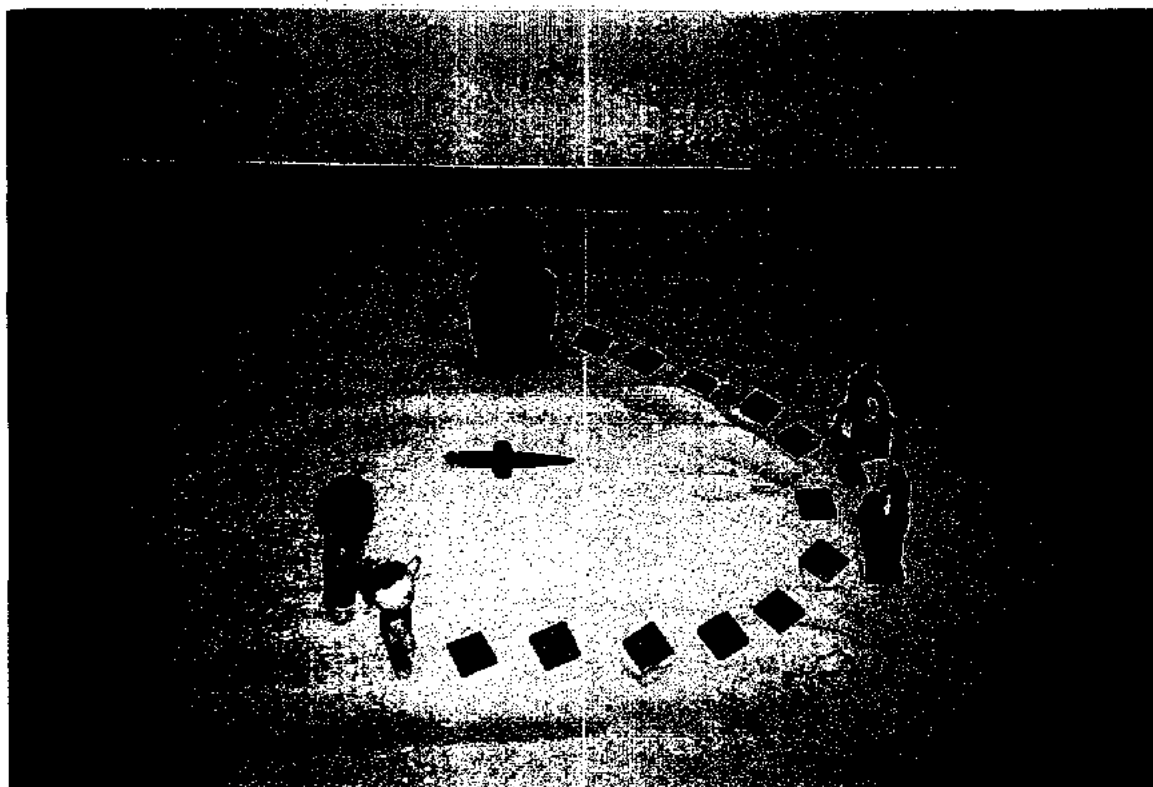
Certa vez este paciente nos relatou que viajava de ônibus para uma praia do Estado do Rio , quando avistou na estrada um cartaz que exibia duas mãos acorrentadas e um dos elos se rompia. Ao ver aquela imagem, sentiu um forte impacto emocional e “compreendeu” que a sua “salvação” viria através da libertação de sua mãe. Desceu do ônibus, e caminhou até a cidade mais próxima, onde comprou um facão com que pretendia matar sua mãe. Dirigiu-se à estação rodoviária para retornar para casa, mas como não havia mais ônibus para o Rio de Janeiro naquele dia, acabou dormindo na estação e desistindo de suas intenções assassinas.

A espada que nosso paciente precisava era a espada de Marduk, que possibilitaria a interdição da relação simbiótica com sua mãe. Era uma espada

simbólica, para que ele pudesse encarnar a imagem arquetípica do herói, não uma espada concreta.

O seu "mestre espiritual", se apresentava nos rituais munido de uma espada, e isto o imbuía de muito poder, principalmente aos olhos do nosso paciente. No entanto, ao se sentir rejeitado pelo mestre-pai, se sentiu colocado não no papel de Marduk, mas sim no de Kingú, o filho incestuoso que morre no lugar da mãe. Por não conseguir matar a mãe dentro de si, tenta matar a si mesmo. Obviamente trata-se de um paciente que passou por grave surto psicótico, daí a concretização maciça dos símbolos. O arquétipo do pai que deveria ter surgido em seu desenvolvimento para dar-lhe um ego mais estruturado e forte, faltou-lhe, e por isso ele se via devorado pelo arquétipo da mãe em seu aspecto mais caótico. Com a crise psicótica, os personagens de mãe e pai deixam de ser figuras humanas para serem percebidos com a força das imagens arquetípicas.

Em um momento de final da terapia, uma outra cena foi feita na caixa de areia.



Vemos nesta cena que a figura do mestre ainda ocupa um lugar central, de muita importância, mas a sua espada, já menos ameaçadora, se encontra colocada deitada por terra à sua frente. Nesta sessão o paciente nos diz resolvido a interromper a terapia, e expressa isso na caixa colocando a analista de costas e ele de frente para um caminho pavimentado de tijolinhos que o levam até o mestre. No lado direito da caixa vemos algumas figuras vermelhas, que são índios, um faz sinais de fumaça com uma manta sobre uma fogueira, enquanto outro carrega um animal que foi caçado numa das mãos e um balde na outra. Nas suas associações à cena feita na caixa de areia, ele nos fala de sua intenção de continuar seu processo sem o auxílio da terapia. Afirma já saber qual o caminho a trilhar. Pelas suas associações, chegamos à conclusão que os índios representam a sua participação maior na vida através de voltar

aos estudos de medicina (interrompidos por 2 anos desde a tentativa de suicídio), e a um trabalho que o coloque financeiramente independente da mãe. A terapia estava associada a alguma coisa que sua mãe pagava, e também, no meu entender, a uma transferência da figura da mãe para a analista. Sua mãe queria que ele continuasse na terapia, apesar de sempre se recusar a vir às sessões junto com o filho, mesmo quando insistentemente chamada por nós. (Os irmãos também foram convocados por nós, mas nunca se dispuseram a comparecer). O desejo da mãe neste momento representava a sua rejeição, e a terapia não pode ter continuidade. Colocamos para o paciente o quanto valorizávamos a sua busca de um caminho independente, enfatizamos, no entanto, que havia na cena um índio que fazia sinais de fumaça e que este índio representaria uma possibilidade sua, durante o percurso, de buscar se comunicar com as pessoas, evitar o isolamento, e até mesmo pedir socorro para nós sempre que julgasse oportuno. Foi também sinalizado que o final do caminho chegava no mestre espiritual, que tinha a espada colocada à sua frente. A grande tarefa agora seria conquistar sua espada para com ela poder lutar e discernir com clareza seu caminho de crescimento e fortalecimento psíquico.

Ele foi encaminhado para um terapeuta do sexo masculino, que no nosso entender pudesse receber a transferência do pai. Nesse paciente pudemos perceber que a transferência de início difícil, evoluiu positivamente, a ponto de sermos colocados em posição de confrontação com seu mestre espiritual na caixa de areia. Acreditamos que seria importante que na transferência ele pudesse corporificar o arquétipo do pai. Com um terapeuta

homem, este rapaz poderia fazer uma identificação com o masculino e com o arquétipo do herói (Marduk, filho do deus da sabedoria), e estruturar melhor o seu ego.

1.3 – O Processo de Individuação

Para a Psicologia Analítica, o Processo de Individuação consiste na condição do indivíduo realizar suas potencialidades inatas. No entanto, individuação não é sinônimo de perfeição, e é sempre um processo, não um estado adquirido. Este processo vai se dar no confronto da consciência com conteúdos inconscientes e com o social, que vão propiciar um amadurecimento psíquico para o indivíduo. Para Jung, individuação significa tornar-se um ser único, homogêneo, singular, mas ainda assim em relação criativa com as outras pessoas. A individuação é um fim em si, e um processo de toda a vida. Na realidade, não existe ninguém que tenha alcançado a individuação, ela será sempre uma meta a ser perseguida, levando a mudanças dinâmicas na relação da pessoa consigo mesma e com o social. Segundo Jung, o processo de individuação não é uma exigência biológica, mas sim psicológica.

O conceito de individuação, o "principiū individuationis" é encontrado em obras de autores anteriores a Jung, como Aristóteles, Plotino, São Tomás de Aquino, Leibniz e Schopenhauer. (Clarke, 1993). Na filosofia de Schopenhauer, o mundo é um produto da vontade. Vontade significando uma energia que vai se expressando de início com as forças da natureza, e evolui

através das plantas e dos animais até chegar ao homem, que seria a manifestação da vontade mais individualizada.

Schopenhauer (1970), nos diz:

"...ninguém é feliz e todos os homens se esforçam durante toda a vida em busca de uma suposta felicidade que raramente conseguem, e, quando isso chega a acontecer, é apenas para se decepcionarem com ela". (p. 52)

Plotino, filósofo romano (c. 205-62 dc) traz a idéia de uma viagem de transformação cósmica e humana (Clarke, 1993):

"Imaginava o mundo como empenhado em uma jornada cíclica envolvendo uma emanção a partir do Uno original, uma queda em divisão, a multiplicidade e a individualidade, e finalmente uma epístrofe, ou volta para a unidade original" (p. 196).

Nietzsche via como objetivo para a vida a afirmação da vontade e a superação do ser. Para Nietzsche, cabe a nós, humanos, projetarmos significado no cosmos, sermos construtores de mundos. Mais uma vez Clarke (1993) nos diz:

"Enquanto Schopenhauer via a individuação como o mais terrível fardo da humanidade, um tipo de castigo pelo simples fato de existirmos, Jung, tal como Nietzsche, considerava-a como a oportunidade dada ao homem para encontrar significado na vida. Embora a individuação possa acarretar pesadas responsabilidades e grandes perigos, era, ainda assim, para Jung, um caminho para a cura e a completude. Não promete a perfeição final do Uno de Plotino, ou do Absoluto de Hegel, e nem mesmo o super-homem de Nietzsche, que redime a história, mas oferece uma meta realista de transformação e crescimento pessoal, de integração e realização do Si – Mesmo" (p. 197).

Na realidade, no nosso entender, o processo de individuação para Jung, além de ser uma busca de autoconhecimento que vai levando a uma unicidade maior da personalidade, é uma busca do sentido maior de vida da pessoa, é a busca do nosso mito individual, mesmo que para isso tenhamos que admitir uma derrota dos valores do ego.

Com isso, o que Jung quer nos dizer é que devemos ter uma disposição sempre renovada de mudar a postura consciente em função de uma melhor adaptação não só ao mundo externo, mas à realidade interna de cada um de nós. Esta mudança de atitude consciente vai nos trazer uma noção de harmonia psíquica. Para tanto, o ego deve se deixar liderar por uma estrutura de mais autoridade e sabedoria, que é o Si – Mesmo (ou Self). Abordaremos mais adiante o conceito de Self para Jung, não só na relação com o Processo de Individuação, como também para a teoria junguiana como um todo, especialmente quando discutirmos a questão da sincronicidade.

Jung nos afirma (1978):

“O objetivo da individuação é nada menos que despir o Self dos falsos invólucros da persona, por um lado, e do poder sugestivo de imagens primordiais pelo outro”. (§269)

Persona é um termo latino que denominava a máscara que o ator usava no teatro grego, na época clássica (em grego o termo usado para designar esta máscara é prósopon).

Na visão de Jung, a persona, a máscara de adaptação social que somos obrigados a usar para nos sentirmos aceitos pelo social, pode ser um fator positivo ou negativo. A persona é positiva quando, além de estar de acordo

com as expectativas sociais, não contraria a nossa maneira mais própria e única de ser. Ela é negativa quando nós nos identificamos com ela e passamos a viver em função dela, ou seja, das expectativas do social, mais do que em função das nossas necessidades individuais. Pela definição de Jung para a individuação, podemos trazer dois exemplos de situações que estariam dificultando ou até paralisando este processo.

A primeira situação é de um exemplo de identificação com a persona .

Certa vez, atendemos um casal, Marlene, a mulher, uma profissional de sucesso na sua especialidade, 30 anos, no seu segundo casamento, sem filhos. Hugo, o marido, contava na época 40 anos, uma filha de 10 anos do primeiro casamento. Estavam juntos há 4 anos.

Hugo se encontrava no momento numa situação profissional bastante difícil : perdera um emprego que lhe dera bastante prestígio e uma situação financeira ótima. Atualmente estava tentando recomeçar num pequeno negócio próprio, com a ajuda de Marlene, mas ao mesmo tempo muito agressivo na relação com ela. Nos parecia que havia conflitos e mágoas antigos na relação que precisavam ser esclarecidos, inclusive provavelmente remanescentes não só das famílias de origem de cada um, como também dos casamentos anteriores. Mas o problema mais premente nos parecia ser a questão da persona de Hugo e suas repercussões no casamento. Ele tinha se identificado em excesso com o papel de profissional bem-sucedido e utilizara esta máscara para se aproximar de Marlene. Agora, se via despido daquela persona, e incapaz de estruturar outra, mais de acordo com a situação atual. Sentia-se

rejeitado por ela , e por isto a tratava de forma bastante inadequada, recheando a relação de mal-entendidos.

Mariene, por seu lado, por mais que quisesse compreender o momento difícil de Hugo, também, por estar numa etapa ótima de crescimento profissional, nem sempre tinha o discernimento e o cuidado necessários para lidar com os "melindres" do marido. Até porque este, durante sua fase melhor, muitas vezes tinha se comportado de forma muito orgulhosa e altiva, humilhando a esposa. Era necessário que a terapia pudesse ajuda-los a descobrirem o afeto que existiria por debaixo das máscaras que usavam para se relacionar. Hugo precisava descobrir se podia ser amado somente por seus valores reais, e não como pensara antes, pelo cargo e poder ou dinheiro. Marlene precisava conseguir falar de suas mágoas antigas na relação e tentar não fazer uma identificação com o agressor, repetindo a atitude orgulhosa do marido. Ela também precisava se sentir amada, por suas qualidades, e não pela máscara (persona), que agora tentava usar de orgulhosa e bem-sucedida. As personas, neste caso, se tornaram maiores do que o ego de cada um, impedindo uma relação mais saudável e profunda no casamento.

A segunda situação descrita na definição de Jung para o processo de individuação, seria de se libertar do poder sugestivo das imagens primordiais. Quando começou a estudar os arquétipos, Jung denominou-os , de início de imagens primordiais. Como vimos no recorte clínico anteriormente citado do rapaz que veio para a terapia após a tentativa de suicídio, o seu problema principal residia no fato de estar de certa forma subjugado pelos arquétipos. Tanto o arquétipo da mãe como o do pai dominavam a sua atitude consciente,

e ele, em surto psicótico, não conseguia separar a força destas imagens arquetípicas da figura humana que era a sua mãe, e muito menos do homem comum que se travestia de arcanjo.

No relacionamento dentro das famílias, podemos perceber que existem certos papéis que são determinados para serem vividos por seus membros. Estes papéis coincidem com as personas descritas por Jung. Quando as personas se tornam muito rígidas, vão dificultar a saúde do relacionamento familiar e das pessoas, cada uma em seu próprio e único processo de individuação.

II – CONCEITOS RELEVANTES DA TEORIA JUNGUIANA

II.1 – O Símbolo e a Compensação Psíquica.

Jung (1991) assim define símbolo:

"Um símbolo sempre pressupõe que a expressão escolhida seja a melhor descrição ou formulação possível de um fato relativamente desconhecido, que, não obstante, se sabe existir ou se postula como existente". (§ 814)

O símbolo, na realidade, não pode ter só *um significado*; é sempre possível se descobrir uma variedade grande de implicações e desdobramentos. Como nos explicam Samuels, Shorter e Plaut (1991):

"O símbolo é uma invenção inconsciente em resposta a uma problemática consciente." (p. 201)

Podemos compreender também um sintoma psíquico ou mesmo físico, como um símbolo que traz uma mensagem para a consciência no sentido da individuação.

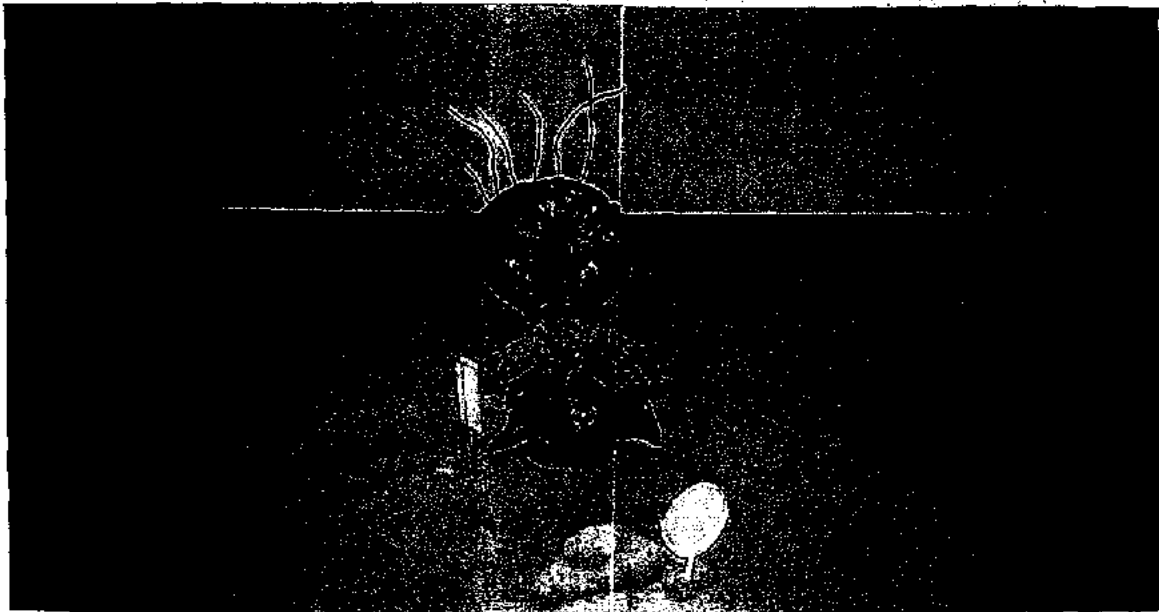
Silveira (1968) afirma:

"Os símbolos têm vida. Atuam. Alcançam dimensões que o conhecimento racional não pode atingir. Transmitem intuições altamente estimulantes prenunciadoras de fenômenos ainda desconhecidos". (p. 81)

Os junguianos vão trabalhar os símbolos pelo método da amplificação, enriquecendo-os com múltiplos significados interligados. Por exemplo, um símbolo que ocorre em um sonho de um paciente pode conter associações com uma vivência na sua história pessoal, como também ter conexões

associativas com mitos, contos de fadas, lendas, etc. Estas amplificações são utilizadas da mesma forma que fazemos quando queremos decifrar um texto com palavras que não conhecemos.

Certa vez uma paciente em terapia individual fez a seguinte cena em caixa de areia:



Nesta cena ela nos relatou que se via como o bruxo, que tinha que ficar de costas para as loucuras da sua mãe (representada pela máscara verde e vermelha). Sua mãe era uma pessoa muito comprometida psiquicamente, e interferia demais em sua vida. Pedi que nos trouxesse associações para o bruxo. Ela relatou que se sentia má quando colocava limites nas intromissões de sua mãe em relação ao seu casamento, parecia um bruxo mau, já que ao colocar limites para a mãe, esta se mostrava muito deprimida. Perguntamos porque escolhera um bruxo para se representar, e a resposta que obtivemos foi que os bruxos dos contos de fada de sua infância eram sempre muito raivosos

e vingativos. Pudemos então perceber que ela devia estar se referindo ao seu falecido pai, que tinha sido muito agressivo e repressor com ela e a mãe. Após sua morte a paciente ficara muito deprimida, por ter conscientemente desejado seu desaparecimento. Sua identificação com o bruxo, além de traduzir uma identificação com o pai, mostrava o quanto ela tinha medo de que seus desejos de morte se realizassem, medo de ter poderes mágicos que pudessem causar mal a alguém.

Mostramos que o bruxo segurava um pente e que tinha um espelho à sua frente. Ela nos disse que estava com um problema de queda de cabelos, diagnosticada por seu dermatologista como alopecia nervosa. O pente e o espelho representavam sua preocupação com os cabelos, e ao mesmo tempo, uma busca de cura através de massagear o couro cabeludo com remédios e o uso de escova apropriada.

A máscara verde foi associada com uma figura que assusta muito.

Achamos interessante que o espelho, da forma como tinha sido colocado, mostrava-nos que por trás do seu reflexo via-se a imagem que representava sua mãe. Esta máscara da "loucura" da mãe estava também representando a imagem da sua loucura, que ela só conseguia ver através da reflexão no trabalho de análise. O pente nos falava que a sua alopecia precisava ser combatida não só concretamente, como também simbolicamente. Cabelo simboliza força, desde o mito de Sansão (que perdeu sua força quando teve os cabelos cortados por Dalila). Também entre os judeus ortodoxos existe o costume da noiva, antes do casamento, se depilar em todo o corpo como

forma de mostrar ao seu marido que aceita a superioridade masculina, ele será o mais forte na relação.

Ao mesmo tempo, observando a cena com mais atenção, nos ocorreu amplificar a imagem para o mito de Perseu e Medusa. A máscara escolhida pela paciente tem aspecto assustador, e seus olhos inspiram o mesmo terror que a Medusa inspirava aos heróis que tentavam mata-la e acabavam sendo petrificados.

Segundo Brandão (1986), no mito grego, Medusa só poderia ser morta por alguém que conseguisse um par de sandálias aladas, um alforje, e o capacete de Hades (deus do mundo dos mortos), que deixava invisível quem o usasse. Através do auxílio dos deuses olímpicos Hermes e Atena, Perseu conseguiu a posse dos objetos mágicos, e ainda recebeu de Atena seu escudo brilhante e espelhado, e a espada de Hermes.

Depois de vencer os monstros que vigiavam o refúgio da Medusa, Perseu, sem lhe olhar diretamente, refletiu-lhe a cabeça no escudo e de um só golpe decapitou-a. (p. 238)

A medusa é sempre no mito apresentada com face monstruosa, e de acordo com Boechat (1995);

“É o estado caótico do inconsciente, com inversões e deformidades que desafiam qualquer lógica racional. O tema da petrificação pelo olhar é significativo do ponto de vista psicológico.... A petrificação nos traz à mente estados de extrema regressão, pacientes paralisados em estupor catatônico, formas esquizofrênicas das mais graves.” (p 137)

A paciente descrevia a mãe como uma mulher com transtorno obsessivo-compulsivo, que entre outras coisas não conseguia jogar quase

nada fora, transformando sua casa, seu quarto, armários, chão, e até mesmo parte de sua cama em depósito de jornais, de caixas, sacolas, vidros de remédio vazios, etc.

Pela cena na caixa de areia e principalmente pelo método de amplificação dos símbolos que apareceram na cena, percebemos a necessidade da paciente se fortalecer (recuperar simbolicamente seus cabelos), para poder ver seus lados negativos projetados na mãe. Como Perseu, seria necessário matar Medusa através da reflexão sobre sua imagem.

O método da amplificação, portanto, requer que o paciente se concentre na imagem produzida (em sonho ou na caixa de areia), e tente construir ligações associativas com outras situações, vivências, imagens ou símbolos, que vão se conectar entre si e com a imagem original. É um processo que inclui descoberta e criação ao mesmo tempo.

Clarke (1993) considera:

"É importante, por isso, compreender que Jung foi um pensador imaginativo, uma pessoa que pensava principalmente em imagens e não em palavras, cujo modo típico de reflexão era simbólico e não verbal, e cujo enfoque típico de um problema era intuitivo e não lógico. O papel da imaginação no pensamento, e da verdade na vida psíquica em geral, era algo a que Jung dava grande ênfase." (p. 42)

Jung vê nos símbolos uma função de mediação; uma tentativa de mudar a atitude consciente e levar ao caminho da individuação. A psicologia analítica fala de funções auto-reguladoras na psique. Estas funções auto-reguladoras ou

compensatórias funcionam como uma ligação entre consciente e inconsciente. O símbolo faz esta ligação.

A compensação é a expressão do processo de individuação. Este vai se fazendo em termos de discriminação e síntese de opostos. A síntese de opostos vai propiciando uma busca de equilíbrio e auto-regulação. Jung define este processo como compensação, significando uma retificação automática a partir do inconsciente de um desequilíbrio ou de uma atitude unilateral na consciência. Esta retificação, em geral vai ocorrer pelos símbolos do inconsciente que aparecem nos sonhos, no relato verbal do paciente, ou nas técnicas de mobilização de símbolos utilizados pelos analistas junguianos. Analisando uma série de sonhos podemos perceber o significado dos símbolos, e, relacionando-os com a vida consciente, modificar a atitude egóica. Desta forma estaremos propiciando que a compensação se faça, e retomamos o nosso caminho de individuação.

Originalmente Jung descreveu o processo de compensação trazendo símbolos contrários à atitude consciente, como uma forma de trazer o equilíbrio psíquico através de apresentar uma possibilidade diferente da unilateralidade da vida consciente daquele sujeito. Por exemplo: uma pessoa que sonha estar voando. Pode ser que este sonho esteja apontando para uma necessidade de ficar com os pés mais presos no chão, isto é, encarar a realidade mais de frente e parar de idealizar os fatos vividos.

Para a psicologia junguiana, o inconsciente, como matriz formadora dos sonhos (e dos símbolos), tem uma função independente. Isto é o que Jung (1991) chamou de "autonomia do inconsciente". (§ 545)

Mais adiante Jung, no mesmo parágrafo, definiu a compensação como um processo psíquico diferente da mera complementação:

... "O complemento é um conceito muito limitado e muito limitativo, e por isso não é capaz de explicar, de maneira satisfatória, a função onírica. Com efeito, ele designa uma relação em que duas ou mais coisas se complementam, por assim dizer, forçosamente. A compensação, pelo contrário, é como o próprio termo está dizendo, uma confrontação e uma comparação entre diferentes dados ou diferentes pontos de vista, da qual resulta um equilíbrio ou uma retificação." (§ 545)

Desta forma, se a atitude consciente estiver unilateral, o sonho mostrará o outro lado, se estiver adequada, o sonho vai reforçá-la. Neste caso, é necessário que se conheça profundamente a história do paciente, para que a interpretação do sonho compensatório possa ser feita de forma correta.

Por exemplo: um paciente sonha com a mãe em tamanho de miniatura, e ele se vê com dimensões gigantescas. Não consegue ouvir o que ela tenta lhe falar. No caso, este sonho pertence ao paciente do caso relatado anteriormente, do mestre espiritual. É um sonho compensatório, do tipo complementar, mostrando-lhe o quanto está distante da sua mãe real, e defensivamente se colocando tão grandioso.

Outro exemplo de um sonho compensatório, é de um paciente em início de terapia, que veio buscar ajuda depois de perder tragicamente em um acidente sua esposa e um filho. Ao sair do consultório um dia, escorregou e quase caiu no chão, sendo amparado prontamente por nós, que desta forma conseguimos impedir que se machucasse. Na sessão seguinte nos traz o seguinte sonho: "Estava saindo daqui, quando senti que escorregava e ia cair no chão. Percebi então que a analista me segurava pelo braço e me salvava".

Como este sonho repete exatamente a cena vivida, e coincide com a nossa atitude na terapia, que era de ouvi-lo e dar suporte naquele momento difícil de vida, entendemos que era um sonho que reforçava a atitude consciente, neste caso trazendo uma mensagem tanto para o paciente quanto para a terapeuta. A indicação era que tentássemos ajudá-lo a não cair, no sentido de entrar em um processo depressivo muito sério. Apesar das perdas, e do luto necessário, nós deveríamos auxiliá-lo a se manter de pé, em condições de continuar a caminhar e prosseguir buscando um novo sentido de vida. Este paciente estava numa transferência positiva, e o sonho fica entendido como uma mensagem que reforça a atitude consciente.

Ainda falando de compensação, Jung (1991):

"Embora, na imensa maioria dos casos, a compensação tenha por fim estabelecer um equilíbrio psíquico normal, e se comporte como uma espécie de auto-regulação do sistema psíquico, contudo não podemos simplesmente nos contentar com esta verificação, pois a compensação, em certas condições e em determinados casos (como por exemplo nas psicoses latentes), pode levar a um desenlace fatal (predomínio das tendências destrutivas)." (§ 547)

Na visão Junguiana, a tarefa do analista seria de tentar restabelecer uma harmonia, um diálogo entre consciência e inconsciente. A função compensatória dos sonhos é de grande auxílio para o terapeuta, na medida que vai mostrar qual a verdadeira situação psíquica do paciente em terapia. Uma análise cuidadosa dos sonhos vai revelar novos ângulos de visão e novas formas de solucionar os problemas conscientes. O processo compensatório tem como finalidade unir duas realidades psicológicas, consciência e inconsciente. O ponto de união é o símbolo.

Jung denomina de função transcendente aquela que promove a conexão de opostos, e que vai se expressar através dos símbolos. De acordo com Samuels et al (1988):

"Jung considerava a função transcendente como o fator mais significativo no processo psicológico. Insistia que sua intervenção era devida ao conflito entre opostos, mas não se interessava pela razão por que isso acontecia, concentrando-se, em vez disso, na questão "para que". (p. 83)

A função transcendente, seria a capacidade da psique de formar um símbolo unificador, isto é, trazer à consciência uma imagem que solucione um conflito psíquico. Ela se faz a partir do Self (ou Si-mesmo).

Jung (1991) escreveu um artigo sobre a função transcendente em 1916, mas só o publicou em 1958, 42 anos depois. Neste artigo ele reafirma a importância de que o que faz aparecer a função transcendente são as tendências da consciência e do inconsciente juntos. A denominação "transcendente" foi escolhida para explicar que ela vai promover a transição de uma atitude para outra. (§ 145)

Mattoon (1981) compara a compensação para Jung com a idéia de preenchimento de desejo de Freud. Para a teoria junguiana, a compensação é o instrumento do movimento na direção da individuação. A compensação (de *compensare*, em latim, isto é, equilibrar) é um balanceamento do inconsciente na direção da consciência para corrigir uma atitude unilateral. Esta modificação tem um propósito definido (p. 112). Este propósito definido tem conexão com o processo de individuação, mas não com o preenchimento de desejo, com a aquisição de bem-estar ou felicidade. A busca de individuação é uma busca de

sentido maior de realização na vida, mas não implica a questão da felicidade. Muitas vezes para descobrirmos o sentido maior de nossas vidas é necessário que sacrifiquemos atitudes ou coisas que também vão nos trazer sofrimento e dor.

II.2 – O Self como Totalidade e Centro da Psique

O Self é o arquétipo da totalidade da psique, abrange portanto a consciência, o inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo, e ao mesmo tempo tem o poder de ser o seu centro ordenador. Como centro ordenador, tem a capacidade de coordenar os processos psíquicos, através da função transcendente que indica a direção de uma melhor saúde psíquica. O relacionamento Self – Ego vai ocorrer sempre através dos símbolos, alimentando o processo de individuação. O Self traz portanto um sentido de finalidade e de direção do processo psíquico. Para compreendermos melhor esta posição diretiva e finalista do Self, citaremos Samuels (1985):

“Um paralelo corporal seriam as glândulas; cada uma delas tem sua função organizadora específica, mas na saúde elas estão reguladas ou equilibradas em relação uma com a outra por uma dinâmica do corpo como um todo. Sem isto, a função organizadora das glândulas seria inútil. Na maturação, algumas vezes uma predomina e às vezes outra (por exemplo, os hormônios sexuais). A imagem que temos não é de uma ordem estática, mas de uma integração dinâmica. Da mesma forma, os arquétipos têm sua própria função organizadora mas precisam se relacionar com o todo”. (p. 90)

O Self então é entendido como o organizador do todo, funcionando de maneira a equilibrar situações opostas dentro do campo psíquico e produzindo

símbolos compensatórios e curativos. Estas atividades do Self vão estar sempre ocorrendo, expressando um potencial ordenador. A integração deste potencial depende da atitude da consciência. É papel do analista estar sempre atento às mensagens do Self do paciente, que irão indicar, ratificar ou retificar a condução do processo terapêutico.

II.3 – Sincronicidade

Sincronicidade seria a ocorrência de coincidências significativas, isto é, eventos coincidentes governados por leis de correspondência e não por causalidade, mas que trazem um mesmo significado. Um problema psicológico que ocorre intrapsiquicamente, pode encontrar sua expressão simbólica em um evento externo do mundo material e objetivo. Um exemplo que Jung (1952) nos traz, é de uma paciente sua excessivamente racional que não se abria emocionalmente para os símbolos do seu processo de análise. Certo dia ela trouxe para a sessão um sonho no qual recebia de presente de alguém um escaravelho de ouro. No momento deste relato, algumas batidas se fizeram ouvir na janela do consultório, e Jung (1991) se levantou para abri-la. Entrou voando um besouro de rosas, que Jung conseguiu apanhar com as mãos. Entregou então o besouro à sua paciente dizendo-lhe que aquele era o seu escaravelho !

Esta coincidência trouxe um significado importante que mudou totalmente a atitude da paciente em relação à análise. O escaravelho no Egito antigo era o símbolo do renascimento e estava associado ao sol. O

escaravelho, por ter o hábito de colocar os seus ovos nas próprias fezes, renasce a partir da própria morte, neste ponto, na visão dos egípcios, está associado ao sol que nasce a partir da morte. O besouro de rosas é um remanescente atual do extinto escaravelho, e como este, tem o hábito de por seus ovos nas fezes. Esta paciente precisava deixar morrer uma atitude racional para renascer no seu processo analítico. E nada há de mais irracional e ao mesmo tempo significativo do que essa ocorrência sincrônica.

Quando Jung escreve seu artigo sobre sincronicidade, e o publica em 1952, ele tem plena consciência de que o assunto toca aspectos da experiência humana que são cercados de preconceitos e despertam grandes reações intelectuais. Na realidade, a sincronicidade, no nosso entender, tem importância maior na clínica pelo fato de trazer um significado para o processo terapêutico e para a individuação do paciente.

Gostaríamos de apresentar neste momento um exemplo clínico que poderia clarificar o que afirmamos:

Uma paciente nos relatou duas ocasiões em que teve sonhos com uma noiva adolescente, que coincidiram com perdas de parentes próximos. Uma vez fora há vários anos, quando perdeu um filho de 2 anos de idade, e outra vez mais recentemente, quando faleceu seu irmão em um acidente. Os sonhos traziam contextos diversos, mas as características comuns aos dois sonhos eram, em primeiro lugar o fato de serem sonhos premonitórios, eles se anteciparam às perdas, em segundo lugar tinham em comum o personagem da noiva adolescente. Esta paciente morava em outro país, filha de pais muito humildes, com nove irmãos. Ela contava apenas 14 anos quando apareceu em

sua terra natal um rapaz rico, disposto a se casar e trazê-la para morar no Brasil. Assim ocorreu, e ela perdeu quase totalmente o contato com sua família ancestral, por preconceito e vergonha em relação ao seu passado pobre.

Os sonhos eram sincronísticos, já que traziam uma mensagem premonitória, mas também tinham um significado simbólico dentro do seu processo de individuação.

Segundo Brandão⁴, os dois rituais celebrados à noite na Grécia antiga eram os funerais e os casamentos, uma vez que todos dois eram considerados rituais de morte. O funeral, por motivos óbvios, e o casamento porque os noivos deveriam morrer para suas famílias de origem, para nascer para esta nova vida. Esta paciente, por ter se afastado muito precocemente e radicalmente de sua família, continuava em muitos aspectos sendo esta adolescente. Os sonhos apareciam também lhe trazendo a necessidade de confrontar a rejeição imposta por ela à sua família. Era necessário que ela aceitasse em si o aspecto sombrio que a noiva adolescente lhe trazia, para depois efetivar a morte simbólica da família ancestral, dando-lhes, na sua psique e também na sua vida, um lugar de aceitação e amor, mas já como adulta e tendo uma outra família para si. A noiva é um símbolo sincronístico, ao mesmo tempo trazendo um significado importante a ser integrado por ela.

Jung (1991) analisa as teorias precursoras da idéia de sincronicidade. Entre elas, discorre sobre questões da astrologia, alquimia, e procedimentos oraculares chineses (tais como o I Ching). A filosofia chinesa clássica não se

⁴ Comunicação em palestra proferida por Junito de Sousa Brandão, na Faculdade Cândido Mendes, em setembro de 1990.

pergunta como nós: O que causa o que?, mas sim: O que gosta de acontecer junto com o que? Na filosofia chinesa a idéia central é a do Tao, que os jesuítas traduziram como Deus, e Richard Wilhelm (famoso sinólogo) interpretou como significado. (§917).

Hipócrates (séc.V ac), no ocidente, discorreu sobre a simpatia de todas as coisas, como nos afirma Jung:

"Há um fluxo comum, uma respiração comum, todas as coisas estão em simpatia. Todo o organismo e cada uma de suas partes estão trabalhando em conjunto e com o mesmo propósito." (§ 924)

A causalidade só foi realmente aceita como princípio explicativo no século XVIII, através do método experimental.

O princípio da sincronicidade, como descrito por Jung, é uma retomada de conhecimentos antigos, e foi revivida pela psicologia para explicar acontecimentos que não podem ser compreendidos em sua totalidade somente pela causalidade.

O conceito de sincronicidade formula um ponto de vista diametralmente oposto ao da causalidade, e pode ser compreendido como uma maneira de conscientizarmos um arquétipo : parte do arquétipo está no inconsciente, outra parte aparece no mundo físico. O arquétipo tem um aspecto transgressivo, isto é, pode se manifestar no mundo psíquico mas também na matéria. Jung afirma então que o arquétipo é psicóide , isto é, não é só psíquico. A sincronicidade, portanto, corresponderia à manifestação deste aspecto psicóide do arquétipo.

Aprofundaremos mais nestes temas de sincronicidade e arquétipo psicóide quando, mais adiante, passarmos à parte das articulações entre as teorias junguiana e sistêmica.

III. CONCEITOS RELEVANTES DA TEORIA SISTÊMICA

III.1 – Sistema e a Homeostase

A terapia familiar se iniciou na década de 50, em Palo Alto, Califórnia (EUA). Um grupo de pesquisadores do Instituto de Pesquisa Mental (MRI), estava buscando compreender a etiologia da esquizofrenia. Eles pensaram em iniciar um estudo das interações familiares e acharam que Bertalanffy (1968) havia formulado alguns princípios que pareciam ser universais e aplicáveis a vários sistemas diferentes, fossem eles biológicos, físico-químicos ou de uma natureza diversa.

O grupo de Palo Alto – composto de início principalmente por Bateson, Jackson, Haley e Weakland e posteriormente incluindo Watzlavick e Beavin, desenvolveram a Teoria Familiar Sistêmica. Esta teoria utiliza para compreender o sistema humano, os mesmos princípios descritos como responsáveis pela regulação de todos os outros sistemas, inclusive o sistema cibernético. A cibernética e a teoria geral dos sistemas de Bertalanffy formaram as bases para os estudos dos teóricos sistêmicos.

Mas o que é isto que nós estamos chamando de sistema? A definição mais simples de sistema é de uma composição ordenada de elementos em um corpo unificado separado do resto do mundo por fronteiras reconhecíveis. A teoria sistêmica como aplicada à família mantém, por exemplo, que a família como um todo se comporta diferentemente da soma dos seus membros individuais. A teoria também descreve algumas leis que governam o

processamento e a estocagem de informações: a adaptabilidade, a capacidade de auto-organização e o desenvolvimento de estratégias para o comportamento do sistema. Se ocorrer qualquer alteração em algum elemento de um sistema, todo o sistema será alterado. O comportamento de uma pessoa dentro de uma família é portanto dependente do comportamento dos outros membros. Sendo assim, o que causa uma modificação em um membro modificará a família como um todo. Semelhantemente a qualquer outro sistema, a família é a origem das suas próprias modificações. A este respeito, a teoria sistêmica sustenta que seria simples demais afirmar que um episódio anoréxico, por exemplo, possa ser explicado somente em termos de experiências passadas de uma pessoa. É necessário entender onde este sintoma surgiu. Ele pertence a todo o sistema e não somente a um dos seus elementos, o paciente identificado. Este elemento está expressando um sintoma que tem conexões com o passado; ele tem uma explicação psicodinâmica. Mas na teoria sistêmica uma questão importante é descobrir que função este sintoma específico tem na homeostase de toda a família. A família tende para a estabilidade, através de processos de feedback ou retroalimentação que podem ser ativados quando existe uma tentativa de mudança.

Watzlavick et al (1967), no livro *Pragmática da Comunicação Humana*, afirmam que na interação familiar, todo comportamento é comunicação. A comunicação tem a função de preservar a homeostase. Segundo os estudos de Bateson (1935) a comunicação pode ser simétrica ou complementar, a partir de relações de igualdade ou de diferenciação. Estas relações por si só não são

patogênicas. A patologia surge a partir de cristalização da relação ou na simetria ou na complementaridade (Féres-Carneiro, 1996).

O termo homeostase familiar foi escolhido a partir do conceito de Cannon (1932), uma vez que, assim como o organismo dos mamíferos busca, através de trocas interceculares, manter a temperatura interna do corpo estável apesar das mudanças climáticas externas, assim também a família vai tentar manter uma constância no relacionamento interno, através de uma contínua troca de forças dinâmicas.

Se visto pelo prisma da teoria da comunicação, as variações das interações familiares são percebidas como comportamentos ou informações que serão retroalimentadas a fim de corrigir a resposta do sistema (Jackson, 1957).

Jackson, em seu estudo das famílias, aplicou o termo homeostase inicialmente para descrever mecanismos patológicos dos sistemas, como por exemplo a rigidez excessiva com falta de flexibilidade e uma capacidade muito reduzida para o desenvolvimento.

No entanto, a homeostase familiar pode ser muito bem percebida por nós quando, ao tratarmos de um paciente em terapia individual, percebemos o quanto as modificações no indivíduo vão promover mudanças em todo o sistema familiar. Se o sistema for mais flexível, todos poderão ser tocados e modificados pela terapia daquele elemento. Se o sistema for muito rígido, poderão surgir reações adversas nos outros elementos, levando muitas vezes à interrupção daquele tratamento.

Prosseguiremos trazendo um recorte clínico de um caso de atendimento familiar, cujo paciente identificado era uma moça de 16 anos, Sandra. As sessões de família se davam com a presença dos pais, Sandra, seu irmão e a avó materna. Com esta família utilizamos a caixa de areia.

Numa tentativa de adaptar a técnica da caixa de areia (Kalff) para a utilização com a família, e não somente com o indivíduo, fomos buscar subsídios em Kantor et al.(1965), que desenvolveram a técnica de escultura familiar.

A escultura familiar tem suas raízes no psicodrama. Nesta técnica, o terapeuta convida um elemento da família que será o escultor, a colocar cada membro do grupo em uma posição e postura corporal. Como a pessoa é esculpida, o espaço que ela ocupa, a distância entre cada uma delas, as expressões de corpo e de rosto, os gestos, direção do olhar, tudo deve ser definido. A escultura final é a condensação das experiências familiares do elemento escultor.

Segundo Andolfi (1981), o escultor será escolhido pelo terapeuta, levando em conta o momento específico da terapia:

"... pode-se escolher a pessoa que seja capaz de espontaneamente expressar as suas experiências emocionais, ou, noutros casos, a pessoa que no grupo familiar parece mais inibida e incapaz de comunicar verbalmente seus sentimentos, de forma a favorecer, através de um canal de comunicação não verbal, uma participação mais ativa dela no processo terapêutico". (p.127)

Quando a escultura está feita, o terapeuta pode perceber nitidamente toda a trama familiar e também, como cada indivíduo está, se coloca ou é colocado neste conjunto. Não só o terapeuta tem esta visão do quadro familiar, mas também cada elemento da família pode ver e ser visto esculpido. Só isto já é de grande ajuda, pois o primeiro passo na direção da mudança é a conscientização, pela visão do problema.

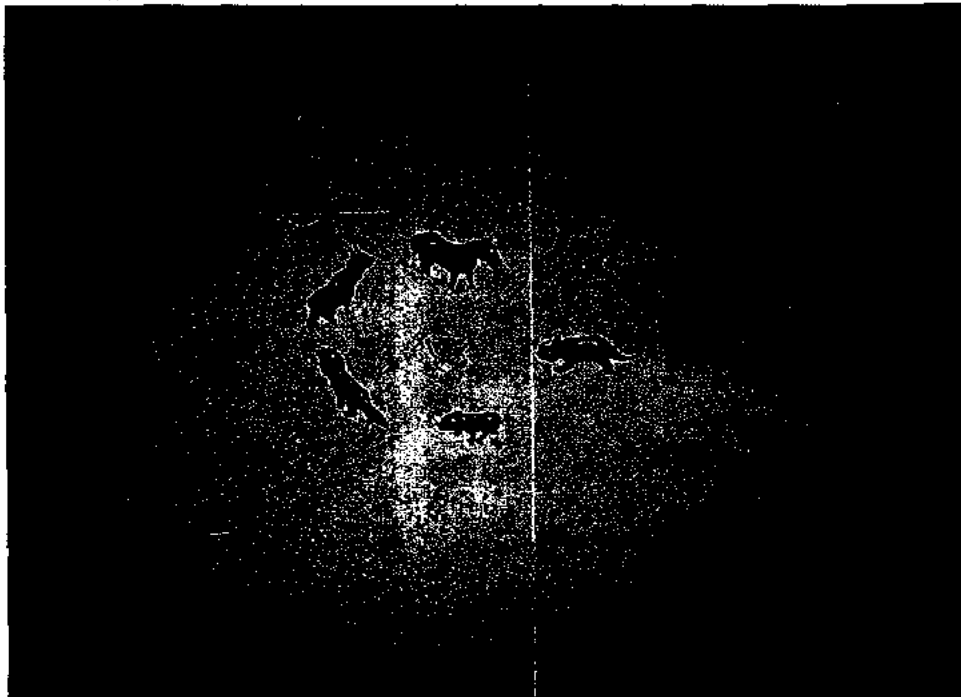
O momento de observar: quando o escultor completou sua escultura, cada membro da família é solicitado a observar silenciosamente a si e aos outros participantes. Neste momento as emoções são fixadas por todos. Pedese que cada um capte as características de cada elemento do grupo e as suas próprias como personagem da mobilização. Num segundo momento é pedido que digam o que sentiram, cada qual no seu papel, e como viram cada um dos outros em seus vários papéis e lugares. Na fase final e dinâmica da escultura, perguntamos aos participantes como se sentem na posição colocada e quais seriam suas propostas de mudança. Isto vai estimular os elementos da família a negociarem alterações possíveis, além de permitir ao terapeuta verificar como isto pode ou não se efetivar.

A escultura familiar nos pareceu ter um propósito muito produtivo de visão e conscientização do problema, semelhante à caixa de areia. Há um entendimento que é trazido de imediato, de que são as pessoas, elas próprias, que criam as regras dos relacionamentos, e que portanto existe um compromisso, que é do grupo todo, com o problema emergente na família.

Passamos a utilizar a técnica de escultura familiar conjuntamente com a técnica de caixa de areia (Boechat, 1990). Os passos da escultura são respeitados na caixa de areia, isto é, 1) a escolha do elemento que vai fazer a cena; 2) o momento de todos os elementos observarem a cena em silêncio; 3) o momento da pessoa que compôs a caixa dar suas associações; 4) o momento de cada elemento se colocar; 5) e finalmente as propostas iniciais de mudança.

Trazendo agora um recorte clínico, com a intenção de exemplificar como trabalhamos um sistema familiar: trata-se de uma família que vem à terapia com a queixa de que a filha mais velha, de 16 anos, tem dificuldades no rendimento escolar, e na socialização. Sempre que pode, se isola no seu quarto, não tem diálogo com os pais ou o irmão, e não tem amigos.

Sandra era filha adotiva. Sua mãe havia tentado durante 6 anos engravidar sem sucesso, apesar de medicamento não ter sido diagnosticada a infertilidade do casal. Adotaram-na com 2 dias de vida. Seis meses após a sua adoção, a mãe engravidou e mais tarde nasceu um menino. Sandra desde pequena soube que era adotiva. Numa sessão em que estavam todos presentes, pai, mãe, Sandra, seu irmão e a avó materna, pedi que ela fizesse uma cena representando como via sua família naquele momento.



Sandra se representou como uma galinha no centro de um círculo de animais: bezerro, vaca, cavalo, cachorro. Em um lado mais aberto do círculo, de frente para a galinha, estava um tatu pré-histórico, com chifres e espinhos.

Ela nos explica que os animais dispostos em círculo em torno da galinha, estariam assim para protegê-la, mas o tatu pré-histórico a impedia de sair do círculo. (A explicação de Sandra é bastante ambígua, e voltaremos a ela quando falarmos de duplo-vínculo).

Cada animal do círculo é associado a um elemento da família : o pai é o cachorro, a mãe é a vaca, o irmão o bezerro, e a avó é o cavalo. Esta avó morava em um outro apartamento do mesmo prédio, e tinha um diálogo mais fácil com a moça.

Quando lhe perguntamos sobre o tatu, ela nos diz que representa alguma coisa que lhe dá medo e a impede de se mover. Todas as figuras que cercam a galinha são vermelhas, exceto o tatu. Sandra era de raça negra, e sua família de adoção branca.

Peço agora , numa outra caixa, que ela nos mostre como seria a sua libertação deste círculo. Ela nos diz que sua libertação viria com seu casamento, e faz a cena seguinte:



Nesta cena ela é um cachorrinho pequeno bege. Seu noivo seria um cavalo vermelho e seus pais estariam representados pelos mesmos animais da cena anterior, só que separados pelo irmão, que seguia a mãe para um lado da caixa, enquanto o pai ia em direção oposta. Sua avó não aparece na cena, mas o cavalo que a representara na cena anterior aparece agora travestido de noivo. Antes de finalizar a caixa de areia, Sandra substitui o cachorro que a representava por outro cavalo vermelho, deslocando o cachorro para trás das árvores que compunham o cenário, sem, no entanto, eliminá-lo da cena.

Com as fotografias destas duas caixas de areia, tivemos material para trabalhar várias sessões com a família.

Na primeira caixa Sandra denuncia a proteção excessiva dos pais,

quando os coloca no círculo em torno de si. Esta proteção e ao mesmo tempo limitação, a coloca frente a frente com o inimigo. O tatu pré-histórico foi sempre referido por nós como "o tatu", para facilitar as associações que pudessem vir a este símbolo por parte da família, mas foi entendido por nós, desde o início, como o fantasma antigo da rejeição. Aquele que costuma atormentar os filhos adotivos, por terem sido rejeitados pelos pais naturais, e, no caso específico de Sandra, porque não só logo após sua adoção seus pais se descobriram capazes de gerar outro filho, mas também pelo o fato dela ser de outra raça. Não que estes pais fossem racistas, mas chegaram a confessar que se decepcionaram ao perceber que a menina não era branca, porque isto dificultava seu desejo de mentir sobre a adoção.

Para nós, o que Sandra denunciava era a limitação à qual se via imposta pela culpa que os pais sentiam por rejeitá-la. Quando ela disse não saber bem o que o tatu representava, ela nos falava também de como era difícil conviver com o mistério em torno dos pais biológicos. Tentamos pedir aos pais que nos sugerissem o que estaria simbolizando para eles aquele animal. O pai, um homem bastante racional, nos falou que este deveria ser a expressão do problema da filha, um medo de um animal que não existe mais, um medo irracional. Com esta explicação, ele tentava negar seu compromisso no problema da filha. Trouxemos então para a família, a nossa compreensão do tatu como a representação do medo da rejeição. Lembramos também que o tatu é um animal que faz sua casa numa toca funda e inacessível. Neste momento seu irmão se manifestou dizendo que o tatu então devia ser ela, já que ela é que se trancava no quarto. Inclusive reclamou que quando os pais

viajavam e eles ficavam sós em casa, ele tinha medo de ficar sozinho, e ia buscá-la para assistirem televisão juntos, mas ela o rejeitava. Interessante notar que o irmão de Sandra denunciou algo muito importante: a rejeição sentida por ela era atuada contra ele e também contra o social. Neste momento pudemos entender porque o cachorro, que de início a representava na segunda caixa, era da mesma cor do tatu, e também porque ela o substituiu por um cavalo, sem no entanto tira-lo da cena. O cachorro continuava escondido atrás das árvores, como uma ameaça de que, mesmo quando ela propunha uma solução para o problema através do casamento, aquele conteúdo sombrio podia a qualquer momento retornar à cena. A sombra da rejeição, não integrada pelo ego, era projetada e atuada no social.

O casamento representava uma solução na medida em que ela se via sendo amada por alguém, mas acreditamos que o casamento necessário para ela seria aquele simbolizado pela sua própria auto-aceitação, e pela comunhão verdadeira de sua consciência com seus valores mais únicos e próprios no processo de individuação.

Acreditamos que a raiz do problema de rendimento escolar estava no bloqueio da sua curiosidade. Já que não podia perguntar muito pela adoção porque isto ameaçava os pais, ela não demonstrava curiosidade em relação a nada, muito menos ao estudo.

Na segunda caixa, ao colocar pai e mãe em direções diferentes, sua mãe reclamou:

“Por que você colocou o papai e a mamãe assim, você quer que nós nos separemos?”

Neste momento o pai nos falou de uma separação do casal que ocorreu poucos meses antes de sua adoção. Surge então para ser trabalhada a função de Sandra nesta família, que é de manter o casal unido; ela pode ter sido adotada com esta função, e sendo a paciente identificada atualmente, trazendo preocupações e culpas, e desta forma mantendo o casal unido. Na segunda cena, com sua proposta de solução, ela propõe que seu irmão fique no meio dos dois, cumprindo o papel homeostático que ela sempre desempenhava. O irmão como bezerro representava o filho que pertence à mãe vaca. O pai cachorro pode simbolizar a agressividade deste. A avó e o noivo, representados como cavalos, e depois a própria Sandra sendo um cavalo, mostra a relação mais fácil com esta avó, e um desejo de identificação com ela. O fato de representar os elementos da família como animais demonstra um estágio de ego regredido.

III.2 – Duplo-Vínculo e Duplo-Vínculo Recíproco

Estudos de famílias com um elemento esquizofrênico levaram os pesquisadores a concluir que a emergência e a manutenção de tal elemento como doente é essencial para a estabilidade do sistema. Além disso, chegaram à conclusão que o sistema reagirá rápida e eficientemente a uma tentativa interna ou externa de modificação na sua organização. Dessa forma uma homeostase negativa, no sentido de patológica, mas estável será mantida. Sempre que nós tentarmos entender uma dinâmica familiar específica, devemos estar atentos às suas comunicações.

A psicose pode ser vista como uma doença incurável e progressiva da mente de um indivíduo, ou como a única reação possível dentro de um contexto de comunicação: uma reação que obedece e perpetua as regras desta comunicação. De acordo com a teoria sistêmica, se existe um elemento esquizofrênico numa família, ela terá uma maneira muito típica de se comunicar: a comunicação em duplo-vínculo. Bateson et al (1956) assim a descrevem:

1. São necessárias pelo menos duas pessoas, sendo que uma delas é a vítima;
2. A experiência ocorre repetidas vezes numa relação de longa duração com esta pessoa;
3. Uma comunicação primária é dada;
4. Uma comunicação secundária que contradiz a anterior é também passada;
5. Uma terceira comunicação é transmitida proibindo a vítima de escapar do campo.

Eventualmente não se faz mais necessário ter a vítima exposta a estes cinco passos. Esta pessoa já aprendeu a perceber seu universo em padrões de Duplo-Vínculo. (Féres- Carneiro, 1996)

Posteriormente, esta descrição de duplo- vínculo foi modificada em termos de pessoas presas em uma comunicação ou em

“um sistema contínuo que produz definições conflituosas das relações e subseqüente desconforto subjetivo”. (Bateson et al., 1962).

Os termos agora não são mais vítima e vitimado, e o fenômeno de duplo- vínculo é visto como mais sistêmico. Não há mais um polo esquizofrenogênico contra outro polo esquizofrênico. Mais claramente definido, a comunicação é esquizofrênica e o elo mais frágil da corrente mostra a doença do grupo.

Estudiosos da teoria sistêmica descobriram eventualmente que as situações de duplo-vínculo não são só encontradas na esquizofrenia, mas também em situações de neurose.

Na família de Sandra, descrita anteriormente, existem dois momentos em que percebemos com clareza as mensagens de duplo-vínculo que lhe são passadas. A primeira delas é quando ela, tentando nos explicar a primeira cena, diz que :

"os animais dispostos em círculo em torno da galinha estão ali para me proteger, mas o tatu pré-histórico me impede de sair do círculo."

Fica claro para nós neste momento, que os animais, ao mesmo tempo que a protegiam, forçavam-na a confrontar o tatu, na medida que a impediam de sair do círculo. É como se esta família lhe dissesse que a amava, mas também a sacrificava para o monstro da rejeição.

A segunda mensagem em duplo-vínculo vem pela voz da mãe quando esta lhe pergunta porque colocara os pais em direções opostas na segunda cena, e acrescenta:

– "Você quer que nós nos separemos?"

Neste momento a mãe fala da função de Sandra, que era de manter seus pais casados sendo a paciente identificada da família, mas também denuncia o duplo-vínculo que a imobiliza. Ela não era responsável pelas dificuldades matrimoniais dos pais, desejava muito vê-los juntos, mas ainda assim era acusada pela mãe de desejar a separação dos pais.

O duplo-vínculo Recíproco foi descrito por Jay Haley na família esquizofrênica. Elkaïm (1990) traz este conceito para a compreensão das relações de casal. Estas situações de duplo- vínculo correspondem a uma coerência interna do sistema; é uma opção que o casal faz, para manter a homeostase do seu casamento. Elkaïm usa o termo programa oficial (P.O.) para descrever o que cada membro do casal quer "receber" de ou "ser trocado" com o outro elemento, e mapa do mundo (M.M.) para descrever as marcas que cada um adquiriu no passado. Este mapa está presente na psique de cada um, influenciando as suas atitudes.

Um exemplo pode ser visto dentro da Mitologia Grega, na relação de casamento dos deuses maiores do Olimpo. Zeus e Hera, como sabemos, tinham uma relação matrimonial bastante confusa. Hera era fiel a Zeus; esta fidelidade se expressava claramente no fato de que ela só encontrava realização na relação com ele. No mito grego ela é chamada Teléia, a realizada. Ela atingia sua realização no casamento. Zeus, por outro lado, era chamado Teleios, aquele que leva à realização (Kerényi, 1975). Zeus nunca foi fiel à sua esposa, um fato que provocava atitudes de vingança contra suas amantes e os filhos daí decorrentes.

Sua família ancestral começou com Cronos – o pai de Zeus e Hera – que devorava os filhos de seu casamento com Réia, assim que eles nasciam. Réia decidiu se aliar com seu filho mais moço, Zeus. Ela deu a Cronos para comer uma pedra em lugar de Zeus, salvando-o e também desta forma destruindo seu casamento com Cronos. Hera estava predestinada a ser fiel porque ela tinha medo de repetir o comportamento de sua mãe e, ao fazê-lo, destruir seu próprio casamento. Zeus era infiel, para evitar repetir o destino de seu pai Cronos, que foi fiel mas foi traído por sua esposa. Também, toda vez que Zeus era infiel, ele estava obedecendo ao papel que sua mãe lhe dera para viver, isto é, enganar o pai.

É importante para nós sabermos a forma como Zeus e Hera se apaixonaram. Slater (1971) nos fala que quando Zeus se percebeu:

“incapaz de conquistar [Hera] diretamente, ele usou de um stratagema... Ele decidiu tomar vantagem dos seus instintos maternos... assumindo a forma de um cuco (pequeno pássaro) cujas asas estavam quase congeladas com o frio do inverno, e que Hera apanha e aquece em seu seio. Neste momento Zeus reassume sua verdadeira forma e a possui. Portanto, não é através de qualquer agressividade masculina ou irresistibilidade sexual que Zeus se torna o Senhor de Hera, mas através de um apelo infantil”. (p. 131)

Zeus era o grande “Don Juan” do Olimpo. No entanto, isto somente demonstrava o quanto ele tinha medo das mulheres e de ser por elas traído. O relacionamento que o ameaçava menos era com Hera. Ele sabia que ela seria incapaz de ser infiel a ele. Mas mesmo assim, ele evitava estar muito próximo dela e continuava procurando suas amantes. Zeus tinha medo de reconhecer

sua mãe nos rostos das mulheres com as quais se relacionava, mas ainda assim estava sempre procurando por ela. Portanto, no programa oficial de Zeus ele queria ser amado como um marido, mas em seu mapa do mundo ele tinha a marca que lhe dizia que as mulheres só conseguem amar seus filhos.

Hera, no seu P.O. queria a garantia de que Zeus iria sempre ser seu marido, mas ao mesmo tempo ela sabia, pelo seu M.M., que o relacionamento que traz segurança é aquele entre mãe e filho.

O que faz o duplo-vínculo recíproco tão freqüente nas relações de casamento é o encaixe dos PO e dos MM de seus membros. Nós podemos observar este encaixe muito freqüentemente na nossa prática psicoterapêutica com casais.

III.3 – Construtivismo

Na terapia individual, o terapeuta deve estar consciente do sistema terapeuta-paciente; o terapeuta não é somente um mero observador mas um co-participante na construção da realidade. O observador se torna parte do observado. O construtivismo é uma nova escola de teoria sistêmica que se coloca diferentemente das epistemologias tradicionais que dizem que o conhecimento é a expressão de uma realidade que existe independentemente do observador. O construtivismo diz que qualquer observação sobre a realidade é primariamente uma afirmação sobre o observador. A separação sujeito-objeto não é mais importante. Em vez disso, o construtivismo percebe o conhecimento como um aspecto da interação. Esta nova teoria é agora

denominada "cibernética de segunda ordem".

A vida se desenvolve através de processos de aprendizado. Os sistemas são organizados de forma a clarificar um espaço interacional no qual a busca de sobrevivência possa ser alcançada. Dessa forma, nós podemos perceber os sistemas vivos como sistemas de conhecimento e a vida como um processo de aquisição de conhecimento (Maturana, 1978).

A cibernetica de primeira ordem foi enfocada na manutenção da organização do sistema. Ela está baseada na idéia de que o observado pode ser considerado em separado do observador.

A cibernetica de segunda ordem ou construtivismo está enfocada na alteração da organização do sistema. Ela inclui o papel do observador na construção da realidade que está sendo observada. Maturana (1978) nos trouxe vários elementos importantes para explicar a teoria construtivista:

1. O conceito de pareamento estrutural nos diz que o que quer que surja, advém da interseção entre um sistema específico e um meio ambiente. Portanto, é impossível descrever qualquer situação terapêutica sem estarmos conscientes de que estamos incluídos nela.

2. Aquilo que realmente importa em psicoterapia, que foca o terapeuta e constela a mudança, é a interseção dos mapas dos mundos do terapeuta e do paciente.

3. Na psicoterapia não é a verdade ou a realidade que interessa, mas sim a mútua construção da realidade. Pareamentos diferentes produzem mundos diferentes mas compatíveis. Portanto, não existe somente uma solução possível, mas sim múltiplas soluções que se conectam pelas relações

entre os membros do sistema terapêutico (terapeuta e família, ou terapeuta e indivíduo).

Para os construtivistas, o conhecimento equivale a uma forma do sujeito se adaptar à realidade, e tem a função de ensinar a sobrevivência. Como nós adquirimos o conhecimento da realidade, e o quanto este conhecimento é verdadeiro ou real nós não o sabemos ao certo, só percebemos que ele nos é útil, nos serve para abrir algumas portas. Segundo Watzlavick (1984), o construtivismo pode ser visto como uma invenção da realidade, mas também como uma pesquisa da realidade.

Para Ernst von Glaserfeld, (1984):

"O construtivismo radical, portanto, é radical porque ele quebra com as convenções e desenvolve uma teoria do conhecimento no qual o conhecimento não reflete uma realidade ontológica objetiva, mas exclusivamente uma ordenação e organização de um mundo constituído pela nossa experiência. O construtivismo radical... encontra-se em total concordância com Piaget (1937), que diz que "a inteligência organiza o mundo através de se organizar a si mesma" (p.24).

O construtivismo descrito por Piaget tenta nos explicar como se desenvolve a inteligência na mente da criança, diz respeito à posição central da atividade do sujeito no desenvolvimento cognitivo.

Já o construtivismo para os teóricos sistêmicos como von Voerster, Watzlavick, Elkaim, Maturana e Varela, quer nos afirmar que existe sempre um papel claro e importante do observador na construção da realidade que está sendo observada. Esta escola de pensamento considera que um observador nunca será capaz de conhecer a realidade como ela é, ele poderá somente

construir um modelo que se encaixe, a partir de interagir com seu ambiente, sua realidade.

Existe uma confusão entre os termos construtivismo e construcionismo. A perspectiva construcionista se opõe ao representacionismo, e para a psicologia social e a sociologia do conhecimento apoia-se nos autores: Berger, Luckmann, Gergen, e Ibañez principalmente. (Spink e Frezza, 1999).

Segundo os mesmos autores, Spink e Frezza (1999):

..."a investigação construcionista tem como foco principal a explicação dos processos pelos quais as pessoas descrevem, explicam ou contabilizam o mundo no qual vivem, incluindo a si mesmas". (Novos paradigmas, cultura e subjetividade. p. 76)

No construcionismo a noção de indivíduo é uma construção social. O foco do construcionismo não está na mente, mas nas relações sociais. No construcionismo, portanto, o próprio experimentador é uma construção, um produto do seu contexto social, do mundo e do tempo em que vive.

Pearce (1994) enumera 5 idéias básicas que definem o que é o construcionismo social:

- 1) "ao nascermos, nos incluímos em normas de interação social que se assemelham a jogos que nós não iniciamos.
- 2) Os seres humanos são dotados de uma capacidade inata para criar seus lugares nestes jogos, e a partir daí se reconhecem nas suas identidades.
- 3) Estas atividades vão se estruturar segundo regras de obrigatoriedades e proibições.
- 4) Para entendermos estas regras e estes jogos, temos que nos centrar no produzir e no fazer.
- 5) Quando nos incorporamos a essas pautas de interação social semelhantes a jogos, não conseguimos nos inserir em um só jogo."(p.177)

Tanto o construtivismo quanto o construcionismo negam a idéia de um mundo real que se pode conhecer com certeza objetiva, e afirmam que o *sujeito, e/ou o social sempre vão influenciar na construção do conhecimento.*

III.4 – Ressonância

Mony Elkaïm , quando se refere ao fenômeno da ressonância, observa que ela se manifesta em uma situação onde a mesma regra se aplica à família do paciente, à família de origem ou à família atual do terapeuta, à instituição onde o paciente está sendo atendido, ao grupo de supervisão, etc. Portanto, a ressonância se compõe de elementos semelhantes que são comuns a diferentes sistemas inter-relacionados. Como exemplo, ele relata coincidências de ocorrências da vida diária que ocorreram e ocorrem entre ele e seus pacientes ou supervisionandos e que esclarecem os casos em atendimento.

Elkaïm nos diz:

"Eu denomino ressonâncias essas reuniões particulares constituídas pela interseção de diferentes sistemas que acolhem um mesmo elemento. Diferentes sistemas humanos parecem entrar em ressonância sob o efeito de um elemento comum, assim como corpos podem colocar-se a vibrar sob o efeito de uma frequência determinada. ... A ressonância não é um fato objetivo, não se trata de uma verdade velada que devemos fazer surgir através de um ponto em comum dos diferentes sistemas. Ela nasce na construção mútua do real que se opera entre aquele que a nomeia e o contexto no qual ele se descobre nomeando-a" (p. 170).

IV – ARTICULAÇÕES DE CONCEITOS SISTÊMICOS COM A TEORIA JUNGUIANA

Quando Jung diz que o Self promove uma compensação na psique, ele faz uma afirmação sistêmica. O Self pode ser visto como um espírito interior que tem a função de organizar o indivíduo em um sistema auto-regulador e relativamente fechado de energia psíquica. Jung entendia que mesmo o sintoma neurótico ou psicótico teria uma intenção teleológica no processo de individuação e um efeito compensatório na energia psíquica da pessoa. Portanto o Self, o arquétipo da personalidade supraordenada dentro de nós, está sempre mandando mensagens (comunicando) na direção do nosso processo de individuação, de nossa saúde psíquica.

Na teoria sistêmica não existe tal estrutura ordenadora; na busca por homeostase todos os elementos do sistema participam igualmente. No processo de individuação, Jung vê uma hierarquia entre Self e ego, com o Self orientando o ego para um equilíbrio mais saudável, através de símbolos compensatórios. Na teoria sistêmica, na qual todos os elementos buscam pela homeostase, algumas vezes a doença de uma família é a homeostase conseguida.

A teoria sistêmica afirma que a doença de uma pessoa é uma tentativa de trazer homeostase para todo o sistema familiar, mas também diz que tal paciente identificado encarna a possibilidade de redenção de todo o grupo. Portanto, tanto o sintoma neurótico ou psicótico em um indivíduo, como o paciente identificado em uma família carregam o mesmo significado

teleológico. De acordo com a teoria sistêmica, grupos de pessoas - casais, famílias ou mesmo relações psicoterapêuticas, podem ser vistas como circuitos de retroalimentação (feedback). O comportamento de cada pessoa afeta e é afetado pelo comportamento de cada um dos outros; qualquer coisa que alguém diga a outro sobre si próprio está conectado com a relação que existe entre eles. Sempre que nós não pudermos responder porque aconteceu um comportamento, a questão deveria ser modificada para que e uma resposta mais clara apareceria. Isto é verdade para a teoria sistêmica e também para a psicologia analítica.

Jung nos diz que a relação psicoterapêutica, também - vista do ponto de vista do terapeuta - não é neutra. O terapeuta percebe, compreende e é afetado pelo mundo através da psique e sua subjetividade. A retorta alquímica, onde duas substâncias reagem uma à outra para promover uma transformação final, é uma metáfora da relação terapêutica.

Desta forma, a contratransferência tem um papel muito importante no sistema terapêutico, e é uma das mais importantes fontes de conhecimento. Quando pessoas estão envolvidas em uma relação íntima, eles compartilham algumas características. Isto pode ocorrer sabidamente na identificação projetiva ou em uma comunicação inconsciente. Não existe uma maneira clara de saber onde um termina e o outro começa.

Jung (1991) escreve:

O paciente, quando traz um conteúdo inconsciente ativado para o terapeuta, constela o correspondente material inconsciente nele... Conteúdos são muitas vezes ativados no terapeuta que poderiam normalmente permanecer latentes". (§ 364).

A relação terapêutica pode se constelar em uma relação homeostática, já que terapeuta e paciente (seja família ou indivíduo), podem ser vistos como um sistema terapêutico. Esta homeostase pode ser positiva ou negativa, no sentido de uma evolução saudável ou de uma estagnação da evolução do sistema.

Guggenbühl-Craig (1971), analista junguiano, no seu livro "O abuso do poder em psicoterapia", nos fala desta situação, quando descreve o arquétipo do curador-ferido. Ele explica que todo arquétipo tem duas polaridades, isto é, se um paciente vem nos procurar com uma queixa, ele está se colocando na polaridade do ferido, e projetando em nós a polaridade do curador. Na realidade, estas duas polaridades existem no paciente e também no terapeuta. O papel do terapeuta, seria o de ajudar o paciente a descobrir dentro de si o curador. Para isto, o terapeuta teria que entrar em contato com seu lado ferido, para através deste lado poder se sentir tocado pelo sofrimento do paciente, e assim, estar em condições de ajudá-lo. Se isto ocorrer a contento, o arquétipo não estará cindido. Se, no entanto, houver a cisão do arquétipo, cada parte estiver projetada em um dos lados da relação terapêutica, se o paciente depositar sua cura nas mãos do terapeuta, e este aceitar, a terapia poderá facilmente correr para uma estagnação. O terapeuta será sempre o que explica muito claramente os porquês dos sintomas do paciente, enquanto este último estará sempre com os mesmos sofrimentos. É o caso daquelas terapias intermináveis, onde o paciente nunca sente melhora, no entanto conscientemente a relação terapêutica parece estar ótima.

Guggenbühl, assim como Jung, busca entender a contratransferência no sentido da observação atenta dos sentimentos que o paciente desperta em nós, enquanto terapeutas. Estes sentimentos são um ótimo sinalizador, não só dos nossos erros e acertos, como também de conteúdos do próprio paciente. Como exemplo, passaremos ao relato de um recorte clínico de nosso consultório:

Tratava-se de uma senhora de 60 anos, que procurou a terapia após o falecimento de seu marido. As sessões eram arrastadas, a paciente chorava muito lamentando aquela perda. De início achamos que deveríamos ouvir seu desabafo, até compreender melhor sua história de vida e sua queixa, e poder ajuda-la. No entanto, qual não foi nossa surpresa, quando percebemos que a paciente estava a cada dia mais alegre e falante! No entanto, alguma coisa na relação terapêutica nos incomodava muito, ela não nos permitia falar, ou pelo menos, era assim que nós sentíamos. Em uma ocasião que se fez propícia, nos referimos a este fato. A paciente fez um longo silêncio para depois nos relatar chorando:

-"Meu marido reclamava que eu falava demais e não lhe ouvia."

Pudemos então compreender, pelo sentimento contratransferencial, que o alívio tão rápido pela perda do marido se dera pela projeção transferencial dele para a nossa pessoa. Ela conseguia repetir no setting a situação da relação de casamento e dessa forma negava ainda a perda do marido. O desconforto que sentimos tem conexões com a história e a transferência defensiva da paciente, mas sem dúvida tem conexões também com a nossa história. Na visão junguiana, o sentimento de desconforto foi uma mensagem

de compensação a partir do inconsciente do terapeuta para indicar um melhor caminho de condução da terapia.

Watzlavick (1968), citando Savage (1961) em um artigo sobre contratransferência com pacientes psicóticos, nos alerta para o perigo sutil mas real do duplo-vínculo na relação terapêutica, principalmente com pacientes psicóticos. O terapeuta faz um investimento muito grande de tempo e energia, e obtém respostas muito pequenas do paciente. Isto acabaria criando uma tendência no analista de buscar gratificação narcisista às custas do paciente, isto é, inconscientemente o analista vai precisar que o paciente continue doente, ao mesmo tempo em que, conscientemente, o estimula para o crescimento e o desenvolvimento psíquico. Esta é uma situação patogênica de duplo-vínculo, como descrita por Bateson, Jackson et al.

Sincronicidade e Ressonância

Quando Jung descreve a sincronicidade, está falando de coincidências que trazem um significado novo e importante para aquela situação. Elkaïm (1996), quando descreve a ressonância, fala de pareamentos estruturais que vão revelar também um sentido. Os dois conceitos têm muito em comum.

Elkaïm passa a pensar a terapia como um empreendimento para lidar com sistemas humanos que são capazes de, juntos, criar significados. Estes sistemas humanos incluem tanto o sistema familiar, quanto à família e o terapeuta. Ele nos diz (1996) :

"Não luto somente com minha subjetividade. Aquilo que me pergunto e investigo é : como aconteceu que este meu aspecto foi amplificado neste contexto específico? Qual a função desta amplificação neste contexto? Da maneira que estou utilizando o conceito de função, estou utilizando o sistema e estou utilizando a idéia de um sistema terapêutico do qual sou parte. Não abandonei esses conceitos, estou investigando as construções do terapeuta não como uma projeção, não como um sonho monádico, mas como algo que tem um significado e uma função dentro do sistema em que aparece." (p.212)

O autor quer nos explicar que atualmente ainda utiliza a noção de sistema e o conceito de função. No entanto, cada vez mais ele se vê incluído, entendendo suas percepções como tendo uma função e um significado dentro do sistema em terapia.

Mais adiante *Elkaïm* nos chama a atenção para as nossas obrigações para com o sistema: a) devemos respeitar a complexidade, sem que a *multiciplidade dos elementos nos leve a uma incapacidade de intervir no sistema*; b) *respeitar também as singularidades, e não reduzir tudo a verdades comuns ou já conhecidas*; c) *valorizar a ressonância como uma singularidade dos sistemas em interrelação, isto é, diferentes elementos podem ter um tema comum, mas uma história diferente.* (p. 210)

Jung foi contemporâneo de Einstein, quando ambos lecionavam na Escola Politécnica de Zurique, em 1905⁵, e amigo de Wolfgang Pauli, Prêmio Nobel de física. Com Pauli, Jung escreveu artigos em conjunto, nos quais relacionava as novas teorias da física sub-atômica com a teoria dos arquétipos (1955).

⁵ Jung chegou mesmo a ter contato social com Einstein, quando o recebeu para jantar em sua casa, juntamente com Bleuler. Na época, Einstein já explicava aos dois psiquiatras sua emergente teoria da Relatividade Restrita. (Jaffe, 1975)

Segundo Clarke (1993), para Jung:

"... Um dos aspectos importantes de sua luta com o dualismo e da tentativa de encontrar um lugar para significado e finalidade no universo era que, embora tirasse inspiração de uma visão de mundo aristotélica/medieval, estava também consciente da necessidade de reconciliar sua concepção de psique com a opinião científica da época em que vivia. Descobertas revolucionárias na física, na primeira metade do século XX, deram-lhe oportunidade de trabalhar para chegar a essa reconciliação. Já em 1912, ele se referia ao estranho encontro entre a física atômica e a psicologia." (p. 218)

Jung também, a partir dos estudos de física sub-atômica, pôde concluir que há:

1) (1991, *A natureza da psique*, publicado em 1947) "... efeitos incontroláveis que o observador exerce sobre o sistema observado, daí resultando que a realidade perde algo de seu caráter objetivo e um elemento subjetivo se agrega à descrição do mundo feita pelo físico". (§438)

2) (1982, *Aion, estudos sobre o simbolismo do Si-mesmo*, publicado em 1951) "Entre a consciência e o inconsciente, existe uma espécie de relação de incerteza, porque o observador é inseparável do observado e sempre o perturba pelo ato da observação". (§355)

Heizenberg (1971) afirma que não se pode medir ao mesmo tempo velocidade e posição das partículas. Se quisermos ter uma das medidas, teremos que abrir mão da outra.

Santos (2001) afirma que não conhecemos do real senão a nossa própria interferência nele, uma vez que o que fizemos para reduzir o erro de uma das observações (ou medições) aumenta o erro da outra(p.25).

Elkaïm (1996), que sofreu uma grande influência de Prigogine (1984) um

estudioso de física e química e Prêmio Nobel de química, afirma:

"O que aprendi da perspectiva de Prigogine foi crucial. Ele estava trabalhando sobre sistemas afastados do equilíbrio, sistemas nos quais havia mudanças e nos quais as regras intrínsecas desempenhavam um papel muito maior que as leis gerais. Além disso, elementos aparentemente insignificantes podiam, em certas circunstâncias, ser amplificados até produzir uma mudança drástica no sistema. Este enfoque nos permitiu seguir operando segundo uma modalidade sistêmica, mas introduzindo a noção do tempo." (p. 206)

A nova visão dos sistemas, passa a incluir não só o sujeito, como também a idéia de que o tempo modifica o sistema, como ressalta Santos (2001):

... "Convergentemente, assiste-se a um renovado interesse pelo inconsciente coletivo, imanente à humanidade no seu todo, de Jung. Aliás, Capra pretende ver as idéias de Jung, sobretudo a idéia da sincronicidade para explicar a relação entre a realidade exterior e a realidade interior, confirmadas pelos recentes conceitos de interações locais e não-locais na física das partículas. Tal como na sincronicidade junguiana, as interações não locais são instantâneas e não podem ser previstas em termos matemáticos precisos. Não são, pois, produzidos por causas locais e, quando muito, poder-se-á falar da causalidade estatística" (p.39).

As semelhanças entre as idéias de Jung quanto à sincronicidade e as de Elkaim quanto à ressonância derivam do fato inegável de que ambos os conceitos derivam da continuidade psique / matéria, ou sujeito / objeto, da sua não-separação.

Tanto Jung quanto Elkaim foram influenciados pelos conceitos da mecânica quântica que transformaram toda uma visão de mundo. Nesse novo paradigma, o chamado Paradigma da Complexidade (Morin,1996), sujeito e

objeto compreendem um todo inseparável.

O fenômeno da ressonância ocorreria, para Elkaïm, quando diferentes elementos dentro do sistema, com suas características específicas, fazem uma inter-relação, devido à constelação de um tema comum. Entendemos a ressonância, portanto, como um efeito no mundo externo (dos sistemas), de condições subjetivas dos sujeitos dentro desses sistemas. Há uma superposição de fenômenos subjetivos, inconscientes, com efeitos materiais, objetivos, externos, impensáveis dentro de uma lógica do paradigma cartesiano da modernidade. Para dar conta do fenômeno da ressonância, temos que lançar mão do paradigma da complexidade.

Também com relação às proposições de Jung quanto ao fenômeno de sincronicidade, há uma inter-relação subjetividade/mundo externo, que não se explica pelo paradigma da modernidade. Isto porque, a visão da modernidade concebe o mundo como fixo, carente de sentido, que lhe será dado pela ciência.

Santos (2000), chama a atenção para o grande aparecimento de "filósofos da ciência" desde a segunda metade do século XX, pois a grande preocupação, não de explicar o mundo, mas de pensar a própria explicação do mundo, isto é, a ciência. Chega-se à conclusão que a ciência é um "pressuposto", tanto quanto o são os mitos ou crenças religiosas. Nesta medida, o mundo não é estático, nem tem uma explicação fixa, mas carece de um "constructo explicativo", poderíamos dizer, para explicá-lo. Desta forma, a ciência cria o mundo; que é moldável à nossa própria ciência.

Um grande número de autores se sucedeu a Thomas Khun, e sua obra

“A Teoria das Revoluções Científicas” (1998). Estes autores, os pós-khunianos, preocupam-se com o paradigma da complexidade.

Hipóteses como sincronicidade ou ressonância pertencem a esse novo paradigma.

V – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensando no nosso trabalho de psicoterapeuta, ocorreram-nos dois tópicos que consideramos muito importantes no mundo atual e que portanto influenciam diretamente nosso trabalho : a aceleração do tempo e a ética .

A aceleração do tempo é um fator inerente ao mundo de hoje. Anteontem nos comunicávamos por cartas, ontem por telégrafo, depois radio, telefone, fax, e agora via internet.

Como consequência dessa aceleração do tempo, os mal-entendidos tendem a se acumular. Os casamentos são mais efêmeros, e uma das grandes causas é a superficialização na elaboração dos conflitos interpessoais.

Nós, terapeutas, hoje, nos vemos exigidos na rapidez da melhora do paciente, que a maioria das vezes vem buscar na terapia uma adaptação no mundo mais do que um processo de individuação, isto é, uma chance de se descobrir na sua forma mais única como pessoa e capaz de disponibilizar ao máximo a sua verdadeira essência.

Em virtude dessa aceleração do tempo, as questões éticas costumam se acumular. Há técnicas psicoterápicas que propalam verdadeiras "curas xamanísticas". A guerra entre terapeutas para provar que o seu método é o melhor, tem se revelado bastante sombria. No entanto, cada vez fica mais claro que muito mais as semelhanças do que as diferenças entre as linhas de terapia são responsáveis pelas mudanças que ocorrem nos pacientes. Quando o terapeuta consegue estabelecer um vínculo positivo, empático e confiante com seu paciente, aí surge o fator realmente mais importante de todos para o

sucesso de uma terapia. Este fator é o paciente. A importância da contribuição do paciente é extraordinária, quando comparada com outros fatores. Sem essa contribuição nenhuma mudança se faz .

Quanto mais as pessoas se vêem no convívio com outras cuja intenção maior é priorizar seus próprios interesses sem se importar com as conseqüências, mais elas se sentem isoladas num mundo hostil no qual precisam acreditar que devam desenvolver mecanismos defensivos elaborados para sobreviver.

No entanto, como sabemos, a riqueza da nossa criatividade, do nosso prazer e saúde psíquica aparece e é estimulada no encontro profundo e sensível com os outros seres . Esta é sem dúvida a proposta de Jung, assim como dos sistêmico-construtivistas, que cada vez mais se incluem no processo terapêutico, atentos ao que cada sistema, ou paciente individual desperta no terapeuta.

Jung desenvolveu o conceito de individuação, que é o processo de cada pessoa se descobrir única, lidando de forma o mais saudável possível com seus conflitos conscientes e inconscientes. Este processo é conseguido num diálogo interno, mas também no encontro com as outras pessoas e o mundo. No Instituto de Terapia Familiar de Heidelberg, desenvolveu-se o conceito de individuação relacionada (Simon, 1984). Refere-se à capacidade de cada pessoa diferenciar seu mundo interno em comunicações claras sobre necessidades , expectativas e sentimentos. O mundo interno de cada elemento deve existir de uma forma altamente diferenciada, mas deve também ser assinalada com relação às idéias, expectativas e demandas dos outros. O grau

de individuação relacionada mostra o grau de saúde da relação familiar, ou mesmo da relação terapêutica (quando o sistema observado for o composto pelo terapeuta/paciente, ou terapeuta / família).

No nosso trabalho com casais e famílias, ou no atendimento individual, utilizamos a visão junguiana e também a visão sistêmica.

Dentro da visão junguiana, o sintoma tem uma função homeostática para a psique do indivíduo. O Self, ou Si-Mesmo promove uma compensação na psique, a partir de enviar símbolos para a consciência que indicam o caminho de individuação. Para Jung, o sintoma é um símbolo que também indica o caminho de cura para a psique do indivíduo.

Os terapeutas sistêmicos afirmam que a doença de um elemento do grupo familiar é uma tentativa de trazer homeostase para todo o sistema, mas também explicam que tal paciente identificado encarna a possibilidade de redenção de todo o grupo.

Portanto, tanto o sintoma neurótico ou psicótico em um indivíduo, como o paciente identificado em uma família carregam o mesmo significado teleológico, isto é, neles está a salvação.

Atualmente, quando trabalhamos com pacientes individuais, achamos que pode ser muito rico em determinadas situações, para o nosso paciente, convidar um ou outro elemento de sua família para algumas sessões. A relação familiar pode ser melhor compreendida e esclarecida e o processo do paciente agilizado de forma bastante proveitosa.

Este conceito de individuação relacionada nos mostra a necessidade que o ser humano tem de não se sentir isolado e de participar mais no mundo.

A terapia, desta forma, estaria favorecendo a comunicação dos elementos que compõem o social mais imediato do paciente (que é a sua família), e lhe proporcionando uma abertura maior para a solidariedade e a negociação interpessoal no social mais ampliado.

Cada elemento da família determina as condições para a individuação dos outros membros. Assim como o social mais ampliado dos nossos colegas de trabalho, vizinhos, amigos, conterrâneos e etc. vai determinar as dificuldades ou facilidades para a nossa individuação, a nossa realização como seres únicos que somos .

Para nós é fundamental entender o indivíduo, e também o sistema. Uma vez que tenhamos uma percepção sistêmica do indivíduo, podemos compreender mais claramente quando uma transformação no paciente tem uma resposta homeostática boa ou ruim da família.

Jung nos legou técnicas de mobilização de conteúdos inconscientes que podem aprofundar o processo terapêutico. Acreditamos, que tanto a técnica de Imaginação Ativa, quanto o uso do desenho ou da caixa de areia, muito mais do que garantir uma aceleração do processo, mostram ao paciente a concretude do seu processo analítico. Quando um paciente expressa na caixa de areia seu conflito , usando as miniaturas e compondo uma cena, de acordo com a técnica de Dora Kalff (1980), costumamos fotografar. Ao lhe mostrarmos uma sucessão de fotos de cenas em caixa de areia, ele pode acompanhar as mudanças no seu processo de forma mais visível.

Na teoria sistêmico-constructivista, os teóricos dizem que qualquer observação sobre a realidade é primariamente uma afirmação sobre o

observador. A separação sujeito - objeto não é mais tão importante. Em vez disso, o construtivismo percebe o conhecimento como um aspecto da interação.

Na terapia individual, o terapeuta deve estar consciente do sistema terapeuta-paciente, já que ele não é somente um mero observador, mas um co-participante na construção da realidade. O observador se torna parte do observado.

Para Jung também, a relação terapêutica é comparável a duas substâncias que se misturam na retorta do alquimista para chegar a uma transformação.

Hoje o terapeuta se vê forçado a sair da neutralidade, e a trabalhar muito mais a contratransferência. Quando sonhamos com um paciente, por exemplo, ele representa um aspecto nosso, que também pertence à psique do paciente.

Sem dúvida a teoria sistêmica associada à visão junguiana tem nos ajudado bastante no nosso trabalho clínico.

Uma coisa todos nós sabemos: alguns pacientes não toleram fazer uma análise em profundidade. Toleram apenas uma terapia de apoio. Jung (1994) na introdução do seu livro "Psicologia e Alquimia" nos diz que a terapia pode ser válida mesmo quando termina como "um pedaço de bom conselho" (§ 3), sem necessariamente seguir o padrão de várias vezes por semana durante alguns anos.

Na época atual, com o declínio dos valores morais, com a dissolução da família, com a violência social, a insegurança econômica, a ansiedade é sem

dúvida crescente. A nossa profissão de psicoterapeutas pode ser um espaço privilegiado para alguém vivenciar a experiência humana autêntica e pessoal do encontro e solidariedade com o outro e consigo mesmo.

Não existe outro campo profissional que tenha dedicado tanto estudo, inteligência e empenho para fazer um trabalho humano em um mundo cada vez menos humano. Nós, psicoterapeutas, somos muito necessários para manter neste mundo o espírito de vida, de sensibilidade humana, que sem dúvida estaria muito pior sem a nossa ajuda.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Adler, G.; Jaffe, A – C G Jung Letters. New Jersey: Princeton U. P., 1975.
- Andolfi, M. – A Terapia Familiar. Lisboa: Vega, 1981.
- Bateson, G. – Steps to an Ecology of the Mind, New York: Ballantine Books, 1972.
- Bateson, G.; Jackson, D.; Haley, J; and Weakland, J. – Towards a Theory of Schizophrenia , Behavioral Science, 1, 251-264, 1956.
- Bertalanffy, L. von – General Systems Theory, New York : George Braziller, 1968.
- Boechat, W. – Perseu e Medusa: o arquétipo da reflexão, in Mitos e Arquétipos do Homem Contemporâneo (organizador: Boechat ,W) Petrópolis: Vozes, 1995.
- Boechat, P. – Monografia de conclusão do curso de formação de analistas junguianos da SBPA. Rio de Janeiro, 1990.
- Brandão, J.S. – Mitologia Grega, vol. 1, Petrópolis: Vozes, 1986.
- Mitologia Grega, vol. 2, Petrópolis: Vozes, 1987.
- Cannon, W.B. - Wisdom of the Body , New York: W.W. Norton and Co., 1932.
- Cardoso, Heloísa - Psicopatologia, Teoria dos Complexos e Psicanálise , Rio de Janeiro: Atheneu, 1993.
- Card, Charles Internet:\http://godel.psy.uwa.edu.au/dynapsyc/1996/natphil.html
- Chalmers, A F. – O que é a ciência afinal?, São Paulo: Brasiliense, 1993.
- Clarke, J.J. – Em Busca de Jung – indagações históricas e filosóficas. Rio de Janeiro: Ediouro, 1993.

- Edinger, E.F. – Ego e Arquétipo. São Paulo: Cultrix, 1989.
- Einstein, Albert - Autobiographical Note, in: Albert Einstein: Philosopher – Scientist, ed. P. A Schil , Evanstone, Ill. 1949 . Citado no livro de Thomas Kuhn – A estrutura das revoluções científicas, S.P.: Perspectiva, 1998.
- Ellenberger, Henri F. – À la découverte de l'inconscient , Villeurbanne, France: Simep Editions, 1974.
- Elkaïm, M. – Se você me ama, não me ame – abordagem sistêmica em psicoterapia familiar e conjugal. Campinas/ SP: Papyrus, 1990.
- Elkaïm, M. – (org.) Panorama das Terapias Familiares, vol.1 e 2 .São Paulo: Summus, 1998.
- Féres-Carneiro, T. – Família: Diagnóstico e Terapia. Petrópolis: Vozes, 1996.
- Gergen, K. – *Realities and Relationships: soundings in social construction*. Cambridge, Mass. :Harvard University Press, 1994.
- Glaserfeld, E. Von—An introduction to radical constructivism, in *The Invented Reality* (editor: Watzlavick, P.) New York: WW Norton and Co., 1984.
- Guggenbühl-Craig, A. – O abuso do poder na psicoterapia; Rio de Janeiro: Achiamé, 1980.
- Heisenberg, W. – *Physics and beyond*. London: Allen and Unwin, 1971.
- Jackson, D.D. (org) – *Therapy, Communication and Change*. Palo Alto, Ca: Science and Behavior Books, Inc, 1968.
- The Question of Family Homeostasis (1957), in *Communication, Family and Marriage*. Palo Alto, Ca : Science and Behavior Books, Inc, 1968.

- Jacoby, M. – Curso ministrado no Instituto C G Jung de Zurique, apostila traduzida: *Estruturação e Fragilidades do Ego*, 1971.
- Jung, CG; e Jaffe, A – *Memórias, sonhos e reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978, terceira edição.
- Jung, C.G. *Estudos Experimentais. Obras Completas*, vol. II. Petrópolis : Vozes, 1997.
- _____ *Símbolos de transformação. Obras Completas*, vol.V. Petrópolis: Vozes, 1986.
- _____ *Tipos psicológicos. Obras Completas*, vol. VI. Petrópolis: Vozes, 1991.
- _____ *O eu e o inconsciente. Obras completas*, vol. VII/2. Petrópolis: Vozes, 1978.
- _____ *A natureza da psique. Obras Completas*, vol. VIII/2. Petrópolis: Vozes, 1991.
- _____ *Sincronicidade. Obras Completas* , vol. VIII/3. Petrópolis: Vozes, 1997, sétima edição.
- _____ *Arquétipos do inconsciente coletivo. Obras Completas* vol. IX-1 Petrópolis: Vozes, 2000.
- _____ *Aion. Estudos sobre o simbolismo do Si-mesmo. Obras Completas* vol. IX-2, Petrópolis: Vozes, 1982.
- _____ *Psicologia e alquimia. Obras Completas*, vol. XII. Petrópolis: Vozes, 1994, segunda edição.
- _____ *A prática da psicoterapia. Obras Completas*, vol. XVI/1. Petrópolis: Vozes, 1991.

- e Wilhelm, R. O segredo da flor de ouro. Petrópolis: Vozes, 1983.
- Kalff, D. – Sandplay, a psychotherapeutic approach to the psyche; Santa Monica, Ca. : Sigo Press, 1980.
- Kantor, D.; Duhi, F.; Duhi, BS – Learning Space and Action in Family Therapy – a primer of sculpture; in Bloch (editor), Techniques of family psychotherapy. New York: Grune and Stratton, 1973.
- Kerényi, C. – Zeus and Hera, archetypal image of father, husband and wife. New Jersey: Princeton University Press, 1975.
- Kronig, Ralph – The turning point, in : Theoretical physics in the twentieth century, a memorial volume to Wolfgang Pauli. Ed. M. Fierz and V.F. Weisskopf. New York, 1960. Citado no livro de Kuhn, A estrutura das revoluções científicas. SP: Perspectiva, 1998.
- Kuhn, Thomas S. – A estrutura das revoluções científicas, São Paulo: Perspectiva, 1998.
- Mattoon, M.A – Jungian psychology in perspective. London: The Free Press, 1981.
- Maturana, H. e Varela, F. – De máquinas e seres vivos, autopoiese: a organização do vivo. Porto Alegre: Artes Médicas, 1977.
- A Árvore do Conhecimento. Campinas: Editorial Psy, 1995.
- Mc Guire, W; Hull, RFC – C G Jung, Entrevistas e Encontros, São Paulo: Cultrix, 1982.
- Morin, E. – A noção de sujeito, in , Novos paradigmas, cultura e subjetividade (org. Schnitman, D.F.), Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

- Nagy, M. *Philosophical Issues in the Psychology of C G Jung*. New York: State University, 1991.
- Pauli, W., Jung, C.G. – *The interpretation of nature and psyche*. New York: Pantheon, 1995.
- Piaget, J. – *La construction du réel chez l'enfant*. Neuchâtel: Delachaux et Niestlé, 1937.
- Prigogine, I. in. *O nascimento do tempo*, Lisboa: Edições 70, 1988
- e Stengers, I , *A nova aliança, a metamorfose da ciência*. Brasília: Universidade de Brasília, 1984.
- e ————— *Entre o Tempo e a Eternidade*, São Paulo: Cia. Das Letras, 1992.
- Progoff, I. – *Jung, Sincronicidade e destino humano*, São Paulo: Cultrix, 1973.
- Samuels, Plaut, Shorter. – *Dicionário Crítico de Análise Junguiana*, Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- Samuels, Andrew – *Jung and the Post-Jungians*. Londres: Routledge and Kegan Paul, 1985.
- Santos, B. de S. – *Um discurso sobre as ciências*, Coimbra: Afrontamento, 2001.
- — *A crítica da razão indolente*, São Paulo: Cortez Editora, 2000.
- Schnitman, Dora F. (org.) *Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade*, Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- Schopenhauer, A. – *Essays and Aphorisms, selected by Hollingdale, R.J.*, Harmondsworth: Penguin Books, 1970.

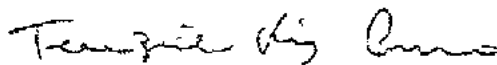
- Silveira, Nise da – Jung, vida e obra, São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- Simon, Fritz B. – Perspectiva interna e externa- como aplicar o pensamento sistêmico ao cotidiano. Em: O Olhar do Observador - org. Paul Watzlavick e Peter Krieg. Campinas, SP: Editorial Psy II , 1995.
- Der Prozess der Individuation: über den Zusammenhang von Vernunft und Gefühl. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1984.
- Slater, P E – The glory of Hera. Boston: Beacon Press, 1971.
- Spink, MJ (org.) – Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano – aproximações teóricas e metodológicas, São Paulo: Cortez, 1999.
- Stein, M. – Jung, O Mapa da Alma – uma introdução, São Paulo, Cultrix, 2000.
- von Franz, Marie Louise – Projection and Re – Collection in Jungian psychology, La Salle, Illinois: Open Court Publishing, 1980.
- Adivinhação e Sincronicidade – a psicologia da probabilidade significativa. São Paulo: Cultrix, 1980.
- C.G. Jung, seu mito em nossa época, São Paulo: Cultrix, 1992
- Watzlavick, P.; Beavin, J.H.; Jackson, D.D. – Pragmática da comunicação humana, São Paulo: Cultrix , 1967.
- Watzlavick, P. e Krieg, P. (org.) O Olhar do Observador – contribuições para uma teoria do conhecimento construtivista. Campinas, SP: Editorial Psy II, 1995.
- Watzlavick, P. (org.) The Invented Reality – how do we know what we believe we know? Contributions to Constructivism, New York: W.W. Norton and Co., 1984.

————— *A Review of the Double-Bind Theory, in Communication, Family and Marriage. Human Communication, vol. 1 (editor: Jackson, D.D.), Palo Alto, Ca: Science and Behavior Books Inc, 1968.*

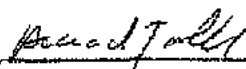
Whitmont, Edward – *A Busca do Símbolo, São Paulo: Cultrix, 1990.*

Wickes, Frances G. – *The Inner World of Childhood, Londres: Coventure, 1977.*

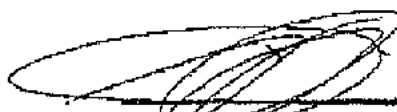
Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC-Rio pela aluna, Paula Pantoja Boechat, intitulada "Articulações entre a Terapia Familiar Sistêmica e a Psicologia Analítica", e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:



Profa. Terezinha Féres-Carneiro (Orientadora)
PUC-Rio



Profa. Bernardo Jablonski
PUC/Rio



Prof. Joel Sales Giglio
UNICAMP

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro,/...../2001.

Prof. Jurgen Heye

Coordenador dos Programas de Pós-Graduação do Centro de
Teologia e Ciências Humanas